

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO/DOCTORADO
MESTRADO EM LETRAS**

NATÁLIA GIUSTI RADTKE

**“SEJE MENAS”: UM ESTUDO SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO
FACEBOOK**

**Pelotas
2017**

Natália Giusti Radtke

**“SEJE MENAS”: UM ESTUDO SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO
FACEBOOK**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Linguística Aplicada, da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Texto, Discurso e Relações Sociais

**Orientadora: Prof^a. Dr. Camila Lawson Scheifer
Pelotas, Fevereiro de 2017.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R131s Radtke, Natalia Giusti
 “Seje “menas”: um estudo sobre o preconceito linguístico no Facebook.
 / Natalia Giusti Radtke. – Pelotas: UCPEL, 2017.

 106f.
 Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, BR-RS, 2017. Orientadora: Camila Lawson Scheifer.

 1.Facebook. 2.CMDA. 3.preconceito linguístico.I. Scheifer, Camila Lawson,or. II. Título.

CDD 410

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente aos meus pais Rosa Maria Giusti Radtke e Joél Radtke que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando em minhas escolhas, me proporcionando o privilégio da dedicação total aos estudos, tornando este momento possível. Agradeço também aos meus irmãos Melissa e Roberto por estarem ao meu lado sempre.

Agradeço a todos meus amigos que estiveram comigo ao longo desta jornada. Agradeço às noites de devaneios na zona do Porto de Pelotas, que em meio a cervejas e risadas fizeram com que este processo fosse, de alguma forma, mais leve. Agradeço em especial à minha vizinha, colega e amiga Letícia Schinestsck que me orientou e me ajudou em diversos momentos, tornando-se imprescindível para que este trabalho fosse realizado.

Agradeço à minha orientadora Camila Scheifer Lawson pela disponibilidade, paciência, orientação e ensinamentos passados, fazendo com que essa dissertação se tornasse possível.

Agradeço à Universidade Católica de Pelotas pela ótima estrutura de estudo e excelentes professores, os quais agregaram muitos valores e conhecimentos em minha vida acadêmica. Agradeço também ao Cnpq, órgão financiador de minha jornada acadêmica que tornou este mestrado possível.

“O preconceito é uma opinião não submetida à razão.”
(Voltaire)

RESUMO

O presente estudo analisa ocorrências de preconceito linguístico em seis publicações retiradas da página “Português da Depressão”, hospedada no site de rede social Facebook. Para tal, são utilizados conceitos que buscam caracterizar o espaço online e as particularidades que abrangem essa rede social, buscando observar nas interações que ocorrem entre usuários da rede os efeitos de sentido no uso da linguagem online. O estudo apresenta um embasamento teórico que busca delinear e oferecer um panorama histórico acerca da internet e a socialidade online relacionado com o conceito de território-rede. Em seguida é feita uma breve apresentação do internetês correlacionando-o com o preconceito linguístico, para posteriormente ser abordado um viés discursivo e ideológico sobre este fenômeno. Para tanto foi utilizada a CMDA, uma metodologia que se propõe a estudar fenômenos discursivos online. Nas análises feitas, foi possível confirmar a hipótese de que o preconceito linguístico vem acompanhado de outros valores sociais. O baixo desempenho linguístico, por exemplo, é correlacionado a um baixo nível intelectual e os Discursos carregados de sarcasmo e humor acabam por naturalizar e perpetuar o preconceito linguístico no ambiente virtual.

Palavras-chave: Facebook; CMDA; Preconceito Linguístico.

ABSTRACT

This study analyses occurrences of linguistic discrimination in six posts taken from the page “Português da Depressão”(Portuguese of Depression in english), hosted on the website of the social network Facebook. To that end, concepts are used that try to characterize the space online and the details that cover this social network, trying to perceive the effects of meaning in the online language in the interactions that occur between the social network users. The study delivers a theoretical background that pursues outlining and offering a historical overview about the internet and the online sociability regarding the concept of territory-network. After that, a brief presentation of the internet slang is made correlating it to the linguistic discrimination, to subsequently approach a discursive and ideological bias on this phenomenon. For this purpose, the CMDA has been used, a methodology that proposes to study the online discursive phenomena. In the analyzes made, it was possible to confirm the hypothesis that the linguistic discrimination is accompanied by other social values. The low linguistic performance, for example, is correlated to a low intellectual level, and the discourses loaded with sarcasm and humor end up naturalizing and perpetuating the linguistic discrimination in the virtual environment.

Keywords: Facebook; CMDA; Linguistic Discrimination.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Chapolim 1	27
Figura 2 - Botões do Facebook	28
Figura 3 - Captura de Tela 1	37
Figura 4 - É bonitinho mas..	44
Figura 5 - Chapolim 2	44
Figura 6 - Página Português da Depressão	46
Figura 7 - Postagem 1	51
Figura 8 - Fotocomentário da Postagem 1	54
Figura 9 - Captura de tela 2	55
Figura 10 - Captura de tela 3	56
Figura 11 - Captura de tela 4	58
Figura 12- Postagem 2	59
Figura 13 - Captura de tela 5	62
Figura 14- Captura de tela 6	63
Figura 15- Captura de tela 7	64
Figura 16- Captura de tela 8	65
Figura 17 - Postagem 3	67
Figura 18 - Captura de tela 9	69
Figura 19 - Captura de tela 10	70
Figura 20 - Captura de tela 11	71
Figura 21 - Captura de tela 12	73
Figura 22 - Postagem 4	73
Figura 23 - Captura de tela 13	77
Figura 24 - Captura de tela 14	77
Figura 25 - Captura de tela 15	78
Figura 26 - Captura de tela 16	79
Figura 27 - Captura de tela 17	80
Figura 28 - Captura de tela 18	80
Figura 29 - Postagem 5	81
Figura 30 - Captura de tela 19	84

Figura 31 - Captura de tela 20	85
Figura 32 - Captura de tela 21	85
Figura 33 - Captura de tela 22	86
Figura 34 - Postagem 6	87
Figura 35 – Imagem de Perfil	90
Figura 36 - Captura de tela 23	91
Figura 37 - Captura de tela 24	92
Figura 38 - Captura de tela 25	94
Figura 39 - Captura de tela 26	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Classificação das reações conforme conteúdo	31
Tabela 2 – Níveis da CMDA	48
Tabela 3 – Quinto Nível da CMDA	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. INTERNET E REDES SOCIAIS	14
1.2. SOCIALIDADE ONLINE E TERRITÓRIO-REDE	14
1.2.1. COMUNIDADES VIRTUAIS E SOCIALIDADE	19
1.3. REDES SOCIAIS NA INTERNET	23
1.3.1. O FACEBOOK	25
1.3.1.1. CONFLITOS SOCIAIS NO FACEBOOK	27
1.3.1.2. BOTÕES DO FACEBOOK E A LEGITIMAÇÃO DE CONTEÚDO	28
2. INTERNETÊS E PRECONCEITO LINGUÍSTICO	34
3. DISCURSO E IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS	40
4. METODOLOGIA	44
4.1. DELIMITAÇÃO DO TEMA E CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO	45
4.2. ANÁLISE DE DISCURSO MEDIADA POR COMPUTADOR (CMDA)	47
4.3. ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO	50
5. ANÁLISE DE DADOS	51
5.1. PUBLICAÇÃO 1	51
5.2. PUBLICAÇÃO 2	59
5.3. PUBLICAÇÃO 3	67
5.4. PUBLICAÇÃO 4	73
5.5. PUBLICAÇÃO 5	81
5.6. PUBLICAÇÃO 6	87
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
7. BIBLIOGRAFIA	100

INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade, diversos questionamentos têm sido feitos em relação a certos preconceitos que um dia foram de senso comum. Qualquer ser humano que não siga um certo padrão que é imposto por um sistema social, de ordem estética à moral, sofre com preconceito. Isto ocorre com negros, homossexuais, pobres, pessoas com deficiências, imigrantes, entre outras minorias que não estão de acordo com o que a sociedade frequentemente julga como normal. Cabe ressaltar que tais grupos correspondem, num contexto social mais amplo, a minoria de um ponto de vista político, visto que esses grupos, muitas vezes são maioria em termos de contingente social.

No entanto, devido às diversas lutas dos movimentos sociais que representam algumas dessas minorias, questionamentos e discussões têm sido levantados em relação aos sentidos que são atribuídos a esses grupos. Esses sentidos são julgamentos de valor, baseados em sentimentos hostis, não submetidos ao exame crítico. Entre as diferentes formas de preconceito, podemos citar o preconceito racial, preconceito de gênero, preconceito social, preconceito com aparência física, preconceito religioso, preconceito com pessoas deficientes, entre outros. Neste estudo o foco recai sobre o que tem sido chamado de preconceito linguístico, isto é, um julgamento de fundo depreciativo com base em diferenças linguísticas.

O preconceito linguístico em nossa sociedade é algo institucionalizado e naturalizado. Isso porque as instituições de poder, mídia e a escola, principalmente, são agências centrais de legitimação da norma culta. Na escola, por exemplo, muitas vezes a língua é tratada como um conjunto de regras à serem seguidas, onde o uso da metalinguagem se torna excessivo e os alunos terminam por desgostar da matéria de língua portuguesa, acreditando que não sabem nada de português, pois não falam conforme a norma. Nesse sentido, essas instituições terminam por contribuir para que o preconceito linguístico não seja

visto como tal. Não possuir o domínio de uma variante considerada de prestígio em nossa sociedade é sinônimo de baixo nível intelectual, de baixo status social e fracasso. Porém, pesquisas ligadas à área da linguística têm problematizado, por exemplo, a correlação entre desempenho linguístico e intelectual (BAGNO, 2000; 2013).

O preconceito linguístico permeia as práticas de linguagem dos indivíduos nas mais diferentes esferas sociais. Atualmente, em função da natureza escrita da maior parte de trocas linguísticas que se dão nas redes sociais virtuais, esse tipo de preconceito torna-se mais visível e rastreável. Em vista disso o presente estudo possui como objetivo analisar publicações do site Facebook¹ em que se observa a ocorrência de preconceito linguístico. Essa análise será feita por meio de um viés discursivo, a partir do qual se buscará problematizar os efeitos de sentido atribuídos ao chamado 'erro de português'. A fim de ilustrar esses 'erros', a expressão “Seje Menas” que intitula este trabalho, foi escolhida para melhor ilustrar o pensamento crítico. Uma expressão que surge de um equívoco gramatical, em que ocorre um mal emprego da flexão verbal no presente do subjuntivo, e a flexão de gênero de um advérbio. Essa expressão acabou sendo incorporada à linguagem que é utilizada por muitos usuários na internet, aparecendo em imagens, comentários, blogs e etc.

Segundo a gramática tradicional, os advérbios são invariáveis podendo apenas ter flexão de número portanto utilizar o termo 'menas' é errado. Mas, então, é válido questionar por que diversos falantes do português utilizam o termo flexionando para o feminino? Uma hipótese é de que a nossa gramática internalizada interpreta este advérbio como adjetivo e, assim, ocorre a flexão. É o mesmo que ocorre, por exemplo, com a palavra 'meio', que pode ser utilizada como advérbio ou adjetivo e, muitas vezes, os falantes terminam flexionando-a no feminino (meia) mesmo a palavra sendo utilizada na função de advérbio. Já a flexão

¹<http://www.facebook.com> (acesso em 05/12/2016).

equivocada do verbo ser como 'seja' ocorre porque a terminação '-e' aparece com frequência nesse tempo verbal, o que termina por gerar uma confusão entre alguns usuários da língua. Verbos que possuem a terminação '-ar' devem ser conjugados com '-e' ao final, já os verbos que terminam com '-er' e '-ir' (como no caso do verbo Ser) devem ser conjugados com a terminação '-a'.

Com a tecnologia cada vez mais ao alcance das pessoas, é pertinente enfatizar questões de ordem linguística na rede social Facebook, que conta com mais de 100 milhões de usuários². É oportuno, também, dar relevância a esta ferramenta que faz parte do cotidiano das diferentes camadas sociais existentes hoje, visto que o site se tornou um espaço onde os usuários estão construindo visões de mundo e formas de se relacionar que interferem em outros espaços para além do Facebook.

No contexto do Facebook, interessei-me especificamente pela página “Português da Depressão”³, que tem como propósito questionar os usos coloquiais da língua portuguesa. Sendo assim, esta dissertação possui como objetivo geral: **analisar manifestações de preconceito linguístico contidas nas publicações da página “Português da Depressão” no Facebook**. Desse decorrem os seguintes objetivos específicos: i. identificar os Discursos que perpassam o preconceito linguístico nas postagens da página “Português da Depressão”; ii. analisar os efeitos desses Discursos; iii. compreender os mecanismos de construção e reprodução de sentidos nas postagens do site.

Para tanto, o estudo parte de uma caracterização da internet e das redes sociais, trazendo no primeiro capítulo um panorama histórico e conceitualização dos mesmos apoiada nos conceitos de Cibercultura de (LÉVY, 1999), redes sociais na internet (RECUERO, 2010)

2 <http://www.tecmundo.com.br/facebook/60937-facebook-chega-1-32-bilhao-usuarios-atinge-80-brasileiros-web.htm> (acesso em 12/12/2016).

3 <https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao> (acesso em 05/12/2016).

e território-rede (HAESBAERT, 2004). Neste capítulo também são abordadas questões estruturais do site Facebook, como a legitimação de conteúdo através dos botões interacionais (compartilhar, curtir e comentar) e os conflitos sociais que são gerados na rede.

O segundo capítulo busca caracterizar o Internetês, uma forma escrita do português utilizada para a comunicação na internet, através do apoio bibliográfico em Komesu (2010), Crystal (2005) e Hilgert (2000). O capítulo problematiza o chamado “erro de português” com o amparo de discussões em sociolinguística (BAGNO, 2000; LABOV 1972). A fim de pensar o preconceito linguístico de um viés discursivo, o terceiro capítulo busca suporte nos conceitos de discurso e Discurso (GEE, 1990) e ideologias linguísticas, necessários para dar embasamento às análises apresentadas.

O quarto capítulo busca delimitar o tema proposto, fazendo um recorte dentro do site Facebook, apresentando e caracterizando a página “Português da Depressão”. Em seguida trata a metodologia utilizada para analisar as 6 publicações que foram selecionadas da página. Nesse capítulo, é apresentada ao leitor a Análise de Discurso Mediada pelo Computador (HERRING, 2004) a fim de analisar as postagens selecionadas para o estudo. O capítulo também apresenta uma pequena seção sobre a organização do estudo, na qual são apresentados os critérios de análise utilizados e um breve roteiro de como foram feitas essas análises.

Por fim, no quinto capítulo são apresentadas as análises das postagens selecionadas, com base na metodologia escolhida e no referencial teórico discutido, com vistas a responder aos objetivos propostos. Na sequência são apresentadas as considerações finais.

1. INTERNET E REDES SOCIAIS

1.2. SOCIALIDADE ONLINE E TERRITÓRIO-REDE

O advento da internet fez que a forma das trocas de informações mudasse muito ao longo dos anos. A internet foi desenvolvida inicialmente para fins militares durante a Guerra Fria (anos 60) e posteriormente começou a popularizar-se nos anos 90, juntamente com a disseminação dos computadores de uso pessoal⁴.

Desde o surgimento dos primeiros computadores na década de 40 até os dias de hoje, os avanços da tecnologia envolvendo o ramo da informática e da comunicação progredem em uma velocidade surpreendente. Máquinas enormes e pesadas, cujo processamento de dados demoravam por vezes mais de 24 horas para ocorrer, foram sendo substituídas gradativamente até que chegássemos nos aparelhos de hoje, com pequenos dispositivos tecnológicos⁵.

Para caracterizar a internet, trabalho aqui com o conceito de território em Haesbaert (2004) cuja desconstrução do conceito materialista geográfico faz que a amplitude de novos conceitos faça surgir diferentes analogias em torno da internet e das redes. A noção de território é desconstruída, implicando a noção de território em diferentes patamares, mas principalmente em algo que está em constante mudança, em movimento, segundo o autor:

Se o território hoje, mais do que nunca, é também movimento, ritmo, fluxo, rede, não se trata de um movimento qualquer, ou de um movimento de feições meramente funcionais: ele é também um movimento dotado de significado, de expressividade, isto é, que tem um significado determinado para quem o constrói e/ou para quem dele usufrui. (HAESBAERT, 2004, p. 281)

Assim, a internet termina por ser um território cujo significado é predeterminado pelos usuários que usufruem da rede, pois cada indivíduo a utilizará de forma única e distinta.

É possível caracterizar a internet como um território rizoma, que subdivide-se em pequenas

4 Para saber mais: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Internet> (Acesso em 02/12/2016).

5 Aqui refiro-me a dispositivos tecnológicos, *smarphones*, *tablets* e outros aparelhos com acesso à internet.

redes, cujas relações entre usuários definem o conceito de território a ser aplicado, neste caso um território-rede, que permite maior fluxo de informações (HAESBAERT, 2004).

A partir desta contextualização, entendo que a internet e as redes sociais terminam por fazer parte de um território com uma nova conjuntura técnica, que graças aos recursos tecnológicos tornou possível novas formas de interação e participação social, caracterizando, também, esse novo universo cultural que vem a ser chamado de cibercultura⁶. Pierre Lévy (1999), pioneiro nos estudos sobre cibercultura, nos apresenta uma visão panorâmica acerca do que envolve o “digital” e “virtual”. Em sua obra são abordados diversos temas, dos impulsos magnéticos ao processamento de dados, além da própria interação homem-máquina. Em resumo, graças à consonância das telecomunicações com a informática, a cibercultura pode ser entendida como uma forma sociocultural de se situar em um determinado espaço, ou seja, um processo que advém de uma relação de trocas entre a sociedade, cultura e novas tecnologias.

É da interação homem-máquina e da sociabilidade possibilitada através da Comunicação Mediada pelo Computador (CMC) que o trabalho intitulado “A Pesquisa da sociabilidade on-line: Três Gerações de Estudos” (CARNEIRO, DWYER, 2011) trata. Nele, os autores apresentam três grandes momentos acerca das pesquisas envolvendo a sociabilidade on-line. O primeiro momento denominado de “Indicadores Sociais Filtrados” data da década de 70, época em que as pesquisas buscavam registrar os efeitos sociais, psicológicos e organizacionais das tecnologias informáticas na comunicação voltada para atividades profissionais (CARNEIRO, DWYER, 2011).

Naquele momento, o computador não era um bem comum na casa das pessoas, portanto, era utilizado como uma ferramenta de pesquisa e desenvolvimento. Por isso, foi

⁶ “[...]especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LEVY, p. 16)”

abordada uma forma de pesquisa cujo método era: apresentar um problema e solicitar uma resolução. Os participantes foram divididos em dois grupos, um com a interação e comunicação face a face, e outro somente com a CMC.

O resultado da pesquisa apontou que a CMC era uma forma fria e impessoal de comunicação. O uso da máquina possibilitava um certo anonimato, permitindo às pessoas um comportamento desinibido além da participação igual entre os membros, desconstruindo hierarquias e viabilizando a participação de todos ao mesmo tempo (vide que a comunicação face a face, implica que: enquanto um sujeito fala, outro escuta, para só então responder e assim por diante).

O segundo momento, denominado “Perspectiva Cultural”, trata da CMC a partir da popularização do micro computador e da Internet. Ao final dos anos 80 e início dos 90, as famílias de classe média começaram a adquirir microcomputadores para diversos fins. A popularização da máquina, juntamente com o chamado *boom* da internet permitiu que uma nova abordagem fosse feita a partir das inúmeras ferramentas de comunicação disponíveis.

Nesse período ampliaram-se as ferramentas de comunicação disponíveis e o uso das mesmas, tais como e-mail, web, chat (IRC, webchat), listas de discussão e serviços de mensagens instantâneas (ICQ). (CARNEIRO, DWYER, 2011, p. 105)

As ferramentas de comunicação permitiram que os usuários interagissem de forma autônoma na rede. Naquele momento:

[...] a CMC não era mais concebida como algo a ser submetido a experimentos em laboratórios para investigação de seus efeitos, mas sim como um espaço de interação no qual o pesquisador podia entrar e fazer observação participante, pressupondo nesse exercício a compreensão dos padrões culturais produzidos nos serviços e a iniciação do pesquisador. (CARNEIRO, A.M. & DWYER, T., 2011, p. 106)

O terceiro momento tem foco maior na sociabilidade offline, pouco enfatizado nos

momentos anteriores. Neste momento, Kendall (1999 *apud.* CARNEIRO, DWYER, 2011) contesta as argumentações de que a interação on-line eliminava as hierarquias tradicionais de identidade.

Uma das ferramentas mais utilizadas nos anos 90 para a sociabilização e da CMC foi o IRC (*Internet Relay Chat*), uma rede para bate-papo instantâneo que necessitava de um *software* mediador para a conexão com a mesma (o mais conhecido era o mIRC). Nesta rede existiam hierarquias e inclusive *status*⁷.

Nessa época, no IRC, apesar de os usuários utilizarem um *nickname* (apelido que os identificavam na rede) eram comuns os chamados “IRContros”, encontros em locais públicos da cidade para uma socialização face a face, onde se revelava a verdadeira face por trás do usuário.

É possível pensar que a partir desta época, juntamente com os fóruns de discussão e o surgimento do “Orkut”⁸, foi crescendo a necessidade de uma identidade virtual que mostrasse aos outros um suposto 'eu' verdadeiro dos usuários. A identidade apresentada nas redes pode não conferir de fato com a vida offline dos usuários, mas é uma representação do ideal dos usuários para os demais que fazem parte de sua rede.

Na tese intitulada “Identidade e interação social em comunicação mediada por computador”⁹, Oliveira (2005) nos apresenta um panorama sobre a criação de identidade no meio digital focando mais precisamente na CMC textual (e-mails, chats, MUDs¹⁰ e Fóruns). Mostra uma visão derridiana sobre a comunicação, onde são levados em consideração fatores que não existem no CMC (tom de voz, identidade da fonte, variações empíricas e etc.).

7 Aqui utilizo-me do termo no sentido de um lugar simbólico que o indivíduo ocupa em um sistema de hierarquização social.

8 Site de rede social mais popular entre os internautas brasileiros no final dos anos 90 e início dos 2000.

9 Trabalho no âmbito de Mestrado em Ciências da Comunicação – Audiovisual, Multimídia e Interação da Universidade Nova de Lisboa, por Bruno Gonçalo de Oliveira Júlio, 2005.

10 *Multi User Dungeon*

Apontado o fato de que estes fatores não existem no CMC, abre-se espaço para a possibilidade de identidades mutáveis.

Antes do que conhecemos hoje como internet, existiu uma rede chamada BBS (*Bulleting Board System*), popular entre os anos 70 e 90, que permitia a conexão através de uma linha telefônica a uma rede. Na BBS, já eram populares os MUDs (*Multi User Dugeon*), uma espécie de jogo que se interagia em forma de texto com os demais jogadores, tomando para si uma personagem previamente descrita pelo criador do jogo¹¹ (como num RPG – *Role-Playng Game*¹², onde o 'mestre' que dita as regras e a história principal do jogo e os demais jogadores interpretam personagens).

Após, com o surgimento da internet, com a troca rápida de informações, e com a necessidade de imediatismo por parte dos interlocutores, foram sendo criadas diversas identidades pelos usuários da rede. Pode-se dizer que hoje a CMC transformou-se, pois a mediação da comunicação não ocorre somente pelo computador, mas através dos dispositivos tecnológicos que estão ao alcance de um toque. Sendo assim, o termo CMD (Comunicação por Meio Digital) é mais adequado para este estudo.

Os *smartphones* e *tablets* permitem facilidade de comunicação em qualquer lugar. Isso porque hoje em dia, a necessidade de cabos vem sendo suprimida pelos aparelhos roteadores *wireless*. Em função disso, a imediatividade de resposta é cada vez mais cobrada pelos usuários. Uma pergunta que é posta na rede tende a ser respondida em uma velocidade surpreendente se compararmos ao tempo que demorava uma carta a ser respondida via correio.

A velocidade com que a tecnologia avança e se torna acessível aos usuários não consegue ser acompanhada por todos, pois algo que foi produzido há 2 anos pode ser

11 <http://en.wikipedia.org/wiki/MUD> (Acesso em 02/12/2016).

12 http://pt.wikipedia.org/wiki/Role-playing_game (Acesso em 02/12/2016).

considerado (por alguns) extremamente ultrapassado hoje. Antigamente a tecnologia era privilégio de poucos. Um microcomputador nos anos 90, por exemplo, era da família inteira, ao passo que hoje em dia cada um tende a ter seu próprio aparelho, *tablet*, *notebook*, *smartphone* e etc. No entanto, para ter acesso aos últimos modelos, é necessário um poder aquisitivo acima da média do brasileiro comum.

Devido à popularização da tecnologia, cada dia mais pessoas se comunicam através dela. Pesquisadores de diversas áreas estão cada vez mais empenhados em desvendar o comportamento social, as práticas discursivas, a cultura emergente e tudo que envolve o universo online. Schinestsck (2015), por exemplo, analisa a violência simbólica (BOURDIEU, 1989) adaptando a teoria de pressupostos subentendidos de Ducrot (1987) para o contexto online. Rebs (2015), por sua vez, se propõe a estudar como funciona a disseminação do ódio no Facebook, mais especificamente a questão dos *haters*¹³ ligada à Análise de Discurso (AD) e ideologias, ancorada no pensamento de Zizeck (2009). Soares (2013), por outro lado, utiliza Zizeck (2009) para analisar a violência sistêmico-simbólica dos memes presentes em publicações de humor no Facebook. Dessa forma, este estudo se propõe a acrescentar novas reflexões acerca destas novas tecnologias, alinhando-se com os demais estudos da área, no compromisso de investigar uma prática discursiva característica da cibercultura.

1.2.1. COMUNIDADES VIRTUAIS E SOCIALIDADE

A noção de território nos permite pensar em ocupação de um determinado espaço por um grupo ou grupos de indivíduos, isto é, por grupos sociais. Na internet, podemos

¹³ *Hater* é um termo oriundo da língua inglesa que caracteriza usuários que costumam fazer comentários cujo objetivo é propagar o discurso de ódio, articulados por um grupo de internautas. Mais informações: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hater_\(internet\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hater_(internet)) (acesso em 25/01/2017)

chamar esses grupos sociais de Comunidades Virtuais¹⁴. Como a própria etimologia da palavra nos mostra, comunidade provém do Latim *Communitatis*, cujo radical '*Commun*' significa 'geral, comum, partilhado'. Ligando estes conceitos a pessoas, temos as comunidades, pessoas que estão conectadas em uma rede cujo aglutinante é algo maior em comum. Tais pessoas podem estar conectadas de maneira mais próxima como na família, escola, trabalho, ou podem agrupar-se quanto à localização geográfica e, principalmente, quanto a interesses.

As comunidades virtuais são formadas através de mediação da tecnologia. Wilbur (2000) relata uma espécie de realidade virtual formada através de ligações telefônicas e narrativas literárias, antes da popularização da internet. A proposta era que o leitor de determinado livro fizesse uma ligação para um certo número de telefone a fim de interagir com personagens da obra.

[...] Tyler apresentou uma linha 1-900 (1-900-78-TYLER) que permitia você ouvir as vozes de diversos personagens, enquanto eles te diziam as fofocas do dia na cidade, davam previsões sobre os próximos capítulos ou trocavam receitas. Nesse elaborado sistema de correio de voz, você podia navegar de uma seção do Tyler para a outra pelo usual comando onde “se você quer X, pressione Y”. (WILBUR, 2000, p. 11)

O exemplo acima nos mostra o virtual, ele é projetado em nós e por nós. Pierre Lévy (2007), em vídeo¹⁵ publicado na internet, nos apresenta o virtual como significação da linguagem, intrínseco à vida humana. Neste sentido, virtual é a abstração gerada pela mente humana, onde fazemos interpretações e relações geradas a partir dessas interpretações.

A partir do momento em que utilizamos uma ferramenta (no caso do exemplo o telefone e nos dias atuais computadores e *smartphones*) para interagir com esse novo território, que não é palpável, nos relacionamos e significamos essas relações simbólicas

14 Não foi encontrada a origem exata do termo Comunidade Virtual, porém existem diversos estudos etimológicos acerca dos termos individuais, ver em Wilbur (2000), Recuero (2010), Lévy (2007).

15 <https://www.youtube.com/watch?v=sMyokl6YJ5U> (Acesso em 13/01/2017)

proporcionadas pela ferramenta.

É importante reforçar que, na contemporaneidade, conforme Pierre Lévy (2007), virtual e real andam juntos, deixando de ser uma mera dicotomia ou oposição. As coisas que ocorrem no mundo virtual afetam o mundo real de maneira positiva ou até mesmo negativa. Podemos exemplificar isso com as manifestações que ocorreram em Junho de 2013 no Brasil, organizadas para contestar o aumento das tarifas dos transportes públicos, e reapropriadas a fim de contestar diversos temas públicos como gastos do governo, má prestação de serviços públicos, corrupção, etc. Os protestos começaram com poucos milhares de pessoas nas capitais do país. Entretanto, este número foi aumentando gradativamente conforme a divulgação dos mesmos ocorria através dos sites de redes sociais, o uso da *hashtag*¹⁶ #VemPraRua tanto no Twitter quanto no Facebook, além dos eventos criados por diversos usuários convocando as pessoas a saírem às ruas, massificaram estes movimentos.

Além do exemplo anterior, podemos citar os inúmeros casos de exposição de fotografias íntimas na *web*, vídeos gravados sem autorização, *cyberbullyng* entre outros casos de violência que inclusive viraram livros, como “Humilhado” (RONSON, 2015), que se dispõe a discutir casos nos quais a internet interferiu diretamente no ambiente offline, contando histórias e entrevistando pessoas que tiveram sua vida exposta e ameaçada via internet. O fato é que o território online está entrelaçado ao ambiente físico no qual se relacionam os indivíduos. As apropriações, hoje, são instantâneas e diferentes em cada ferramenta, que permite que a informação seja explorada e desmembrada facilmente.

Outro produto cultural que aborda as relações humanas e a tecnologia é o seriado de televisão britânico criado por Charlie Brooker denominado “*Black Mirror*”¹⁷. O programa recebeu inúmeras críticas positivas e está em produção atualmente contando com três

16 Tratarei do uso da *hashtag* mais adiante.

17 https://pt.wikipedia.org/wiki/Black_Mirror (acesso em 27/01/17)

temporadas já exibidas. Cada episódio conta com um elenco e um roteirista diferente, no entanto todos são sobre o mesmo tema, relações humanas e a tecnologia.

Apesar de hoje em dia estarmos completamente acostumados aos termos tecnológicos e à conexão em rede praticamente 24 horas por dia, antes de existirem os sites de redes sociais, nos primórdios da internet, as ferramentas mais usuais eram as listas de e-mails e fóruns. Com o passar dos anos novas ferramentas foram surgindo. Em primeiro lugar é necessário destacar que a internet começou a ser ocupada e apropriada por diferentes indivíduos, de diferentes culturas e em diferentes contextos, a isso pode-se remeter à forte tendência da socialidade¹⁸ na internet. Lemos (1997), inspirado pelos pensamentos de Maffesoli (1984), aponta que a socialidade marcaria os agrupamentos urbanos hodiernamente, dando ênfase ao instante vivido, além de projeções futuristas ou morais não institucionalizadas, diferenciando-se da sociabilidade que se caracteriza por relações institucionais e formais em uma determinada sociedade (LEMOS, 1997).

É possível aqui determinar a socialidade na internet em três fases simples: em um primeiro momento, para fins técnicos (uso militar), posteriormente com a popularização, ela passa a ser ocupada por diferentes indivíduos, com objetivos distintos, e por último, juntam-se todos os fins (tanto técnicos, como supérfluos).

A tecnologia nos impõe um jeito novo de comunicarmos, o uso dessas ferramentas tecnológicas precisa ser adaptado para satisfazer a ausência de elementos que são importantes numa conversação face a face como a entonação, gestos, expressão facial e outros indícios não verbais que complementam a interpretação do interlocutor na hora de uma conversação. Conforme Recuero (2012):

Essas características e sua apropriação são capazes de delinear redes, trazer informações sobre sentimentos coletivos, tendências, interesses e intenções de grandes grupos de pessoas. São essas conversas

¹⁸ Socialidade é um conceito de F. Maffesoli, utilizado por André Lemos em seu artigo sobre Ciber Socialidade.

públicas e coletivas que hoje influenciam a cultura, constroem fenômenos e espalham informações e memes, debatem e organizam protestos, criticam e acompanham ações de políticas públicas (RECUERO, 2012, p.17-18)

Assim, é possível perceber o ambiente online como um território que permite a conversação através da apropriação das ferramentas disponíveis neste espaço. Ferramentas essas que são originalmente criadas com um fim, e reinventadas a partir da apropriação feita pelos usuários e as diferentes finalidades de uso que cada indivíduo cria.

1.3. REDES SOCIAIS NA INTERNET

Redes sociais, conectividade e interatividade são palavras comuns ao vocabulário contemporâneo. Embora a origem destes termos não seja contemporânea à época atual, o uso difundindo dos mesmos faz que diversos conceitos e significados emanem destes.

Falar em rede social nos dias atuais costuma remeter aos sites, que são ferramentas para a conexão entre usuários, através da interação com o computador (e com outros dispositivos) dentro do ciberespaço. Uma definição genérica de rede social seria uma estrutura abstrata composta de nós e arestas que representam uma estrutura social. Para imaginarmos estas estruturas, podemos compará-la com uma teia de aranha ou uma rede de pesca, em que cada linha (aresta) representa uma interação social e as intersecções (nós ou nodos) são os usuários da rede.

Uma das experiências que permitiu pensar desta forma foi feita por Stanley Milgram (1967), que realizou um experimento para observar os graus de separação entre as pessoas. Essa experiência gerou o conceito dos seis graus, que cria um entendimento que qualquer pessoa está a 6 graus de outra¹⁹. Milgram (1967) enviou uma determinada quantidade de cartas a várias pessoas de maneira aleatória e solicitou que tentassem fazer que a mensagem

¹⁹ Para exemplificar podemos utilizar metáfora do história do 'amigo de um amigo meu': Fulano que conhece Ciclano que é filho de Beltrano que trabalha no gabinete do vereador que conhece o prefeito.

chegasse em outra pessoa específica. Através desse experimento, Milgram (1967) pode verificar que a maioria dos que participaram da experiência havia passado por um pequeno número de pessoas para chegar ao seu destinatário final e, através da observação deste experimento, o autor pode trabalhar em diversos estudos que fundamentam a teoria dos graus de separação (MILGRAM, 1967).

A rede social na internet é diferente da rede social no mundo físico por diversos fatores e, por isso, é importante pensar em diferentes abordagens para a observação e estudo acerca das mesmas. Um dos primeiros estudos sobre as redes sociais foi proposto por Barabási (2003 *apud* Recuero, 2010), a partir de um conjunto de trabalhos que ele nomeou como instituintes de novos modelos de estudo de redes, cuja proposta se dedicava a estudar as propriedades dos grafos, uma estrutura de rede que representa diversos fenômenos da mesma (RECUERO, 2010).

A complexidade de uma estrutura de rede social é enorme e as teorias acerca da mesma divergem e se complementam. Existem diferentes tipos de classificações em diferentes níveis. Os estudos abordam desde os elementos básicos de rede até os topológicos, dinâmicos estruturais e sociais além dos não citados aqui. Exemplos desses estudos são os realizados no Brasil por Recuero (2010), Primo (2007), Komesu (2004), entre outros. Segundo Ellison (2007), os sites de redes sociais se apoiam na manutenção de laços já existentes e na possibilidade de formar novas conexões a partir de interesses em comum ignorando o fator geográfico.

Para fins deste estudo, nos apoiamos na definição de Boyd e Ellison (2007) para sites de redes sociais. As autoras definem esses sites com base em serviços online que permitem a criação de um perfil público ou semi-público, articular uma lista de usuários com os quais se compartilha uma conexão e visualizar e percorrer esta lista de conexões feitas

também por outros usuários. Além dessas características, a natureza, a nomenclatura e o tipo de conexão entre estes usuários podem variar (BOYD e ELISSEN, 2007). Sendo assim, podemos classificar inúmeras ferramentas existentes na internet como sites de redes sociais.

Ademais, os sites de redes sociais que proliferam-se cada dia mais, atraindo muitos usuários, que terminam por criar uma tendência à multi-identidade, pois no Facebook, que é a rede foco deste estudo, podemos controlar tudo o que é compartilhado, quem irá receber determinada mensagem, quem pode ou não visualizá-la. Além disso, existe um controle pelo próprio site, um algoritmo que define o que vai ser mostrado ou não no *feed*²⁰ de cada usuário. Esse aspecto dos sites de redes sociais, a exemplo do Facebook, sobre o qual discorreremos na sequência, nos permite uma relação com o caráter descontínuo e dinâmico dos territórios-rede de Haesbaert (2004), que seria o que permitiria um maior controle de fluxo (neste caso, de informações).

1.3.1. O FACEBOOK

A rede social escolhida para este estudo é o Facebook, um site multimodal, visto que nele é possível comunicar-se através de diferentes semioses, pois reúne diferentes tipos de ferramentas comunicacionais.

O usuário ao se cadastrar no site cria um perfil que irá representá-lo na rede. Este perfil é manipulável, fotos e interesses podem ser agregados. O site também sugere que perfis de outros usuários sejam adicionados, estes são os chamados perfis amigos, e aí partir disso, o usuário começa a construir sua rede pessoal.

Conforme já abordado, grande parte das redes sociais se apoiam nos laços existentes

²⁰ *Web Feed* é um formato de dados, em que o usuário 'assina' para receber em formas de comunicação com conteúdo atualizado frequentemente, como sites de notícias ou blogs.

ou conforme os interesses de seus usuários (ELLISON, 2007). A partir disso, o usuário é exposto ao *Feed* de notícias que é construído conforme o algoritmo do site, mostrando informações publicadas por outros perfis ou páginas, além de propagandas de serviços.

O que torna o Facebook atrativo, além do fato de podermos manipular um perfil representativo de nós mesmos, é a facilidade de comunicação. Se atualmente no Brasil oito em cada dez internautas²¹ estão conectados ao Facebook – 107,7 milhões de usuários – é pertinente dar relevância a este site de rede social que faz parte do cotidiano das diferentes camadas sociais existentes hoje, visto que o site oferece aos usuários a possibilidade de construir de maneira controlada as representações (ou projeções) acerca de si mesmo, podendo essa construção ter um *feedback* imediato através dos botões de reação.

Existem inúmeras ferramentas que podem ser utilizadas em uma publicação no Facebook. Ao clicar no botão “publicar”, o usuário pode adicionar, além de texto, foto, vídeo, fazer um *check in*²², fazer uma transmissão de vídeo ao vivo, marcar amigos e demonstrar um sentimento ou uma ação.

Além da ferramenta de publicação, os usuários do Facebook podem interagir através de diversos meios como, por exemplo: por chat que permite o uso de texto, *emoticons*, vídeo e voz; através de comentários em publicações, que podem ser na própria página do usuário como na de amigos e outras páginas públicas; também através de jogos interativos que utilizam a quantidade de amigos que o usuário possui para dar vantagens ao mesmo.

21 <http://www.tecmundo.com.br/facebook/60937-facebook-chega-1-32-bilhao-usuarios-atinge-80-brasileiros-web.htm> (Acesso em 06/11/2015)

22 É utilizado o sistema de geolocalização para que o usuário possa compartilhar o seu local físico no mapa com outros usuários.

1.3.1.1. CONFLITOS SOCIAIS NO FACEBOOK

As possibilidades de interação dentro do Facebook são muitas e o imediatismo de resposta é cada vez mais exigido pelos usuários. Não existe uma regra ou norma que diga que uma mensagem deve ser respondida assim que possível num chat ou até no Facebook, mas existe um acordo social praticamente velado. Por exemplo, se uma pessoa não responde a uma mensagem que lhe foi enviada depois de um certo período de tempo, ela cria margem para que o interlocutor imagine possibilidades do porquê isso ocorreu.

Muitas vezes, esse tipo de comportamento pode gerar conflitos indesejados que, em teoria, não são produtivos para a lógica da rede, cujo pressuposto é nos colocarmos à disposição de maneira colaborativa visando à ampliação da mesma. Um exemplo disso são os memes²³(Figura 1) que circulam pela rede com mensagens repressoras a esse tipo de comportamento.



Figura 1 – Chapolim 1

O Facebook agrega diferentes grupos sociais de um usuário em um único espaço.

Portanto, temos os familiares, os colegas de trabalho, o chefe, os amigos da faculdade, os

23 “O conceito de meme foi cunhado por Richard Dawkins (2001), que discutia a cultura como produto da replicação de ideias, que ele chamou memes.” (RECUERO, 2010 p. 123)

Nos dias atuais o uso difundido da palavra meme no contexto da internet, se refere a todo conteúdo que é replicado de maneira viral. Memes podem ser imagens com texto, GIFs, vídeos, fotografias ou até mesmo captura de telas com textos inusitados, como no caso de *tweets* que viram memes. Para saber mais: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_\(Internet\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet)) (acesso em 17/01/2017)

amigos de festas dentre outros, todos conectados em um mesmo nó. Tal nó diz respeito ao perfil representativo do usuário, cujas ligações com outros nós (outros perfis representativos) cria uma rede, o que faz com que muitas vezes exista um desapontamento em relação a perfis de pessoas que pensávamos conhecer.

As eleições presidenciais no ano de 2014 e momento político vivido pelo Brasil na atualidade são ilustrativos nesse sentido, períodos onde diversos usuários se mostram incomodados com outros devido a divergências políticas, alguns inclusive excluindo outros perfis de sua rede de amigos.

1.3.1.2. BOTÕES DO FACEBOOK E A LEGITIMAÇÃO DE CONTEÚDO

Os principais botões interacionais em postagens do Facebook são “comentar”, “compartilhar” e “curtir”. No entanto, no dia 24 de fevereiro de 2016, período da coleta de dados desta pesquisa, o site adicionou novos botões²⁴ de reações às postagens, além do 'curtir', agora temos: 'Amei', 'Haha', 'Uau', 'Triste', e 'Grr'.



Figura 2 – Botões do Facebook

O botão de 'curtir', o mais usado²⁵ entre os disponíveis, normalmente é utilizado como forma de visualização de conteúdo ou, então, como uma possível legitimação. Para Recuero (2014) o botão 'curtir', “seria visto como uma forma de apoio e visibilidade, no

²⁴<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/02/facebook-libera-cinco-novos-botoes-alternativos-ao-curtir.html> (acesso em 02/12/2016)

²⁵<http://www.purebreak.com.br/noticias/facebook-cria-ranking-com-funcoes-mais-populares-da-rede-social-descubra-a-mais-utilizada/15780> (acesso em 29/11/2016)

sentido de mostrar para a rede que se está ali.” (RECUERO, 2014, p. 119).

Esses novos botões, que foram inseridos juntamente com a opção 'curtir', mudam a maneira de analisar a interação na postagem. Se antes existia somente o 'curtir' para ser visto como uma forma de legitimação do Discurso circundante (RECUERO, 2014), agora com esses novos botões, chamados de 'reação', podemos perceber de um jeito diferente a questão da legitimação de um conteúdo publicado na rede.

O 'curtir' continua sendo um meio de legitimação e visualização de conteúdo. É importante que o outro saiba que eu 'vi' sua publicação, então, eu a curto. Já os novos botões podem ser entendidos como uma forma de maior envolvimento com o conteúdo da publicação, pois posso 'amar' a postagem, que é muito mais do que 'curtir'.

Posso também rir, considerar cômico ou simplesmente utilizar a reação da risada como demonstração de ironia, dependendo do conteúdo da postagem. É possível também mostrar a reação de surpresa ou choque utilizando a reação 'uau!'. E, dependendo do contexto situacional da publicação é possível ficar triste ou com raiva, desaprovando um determinado conteúdo.

Os novos botões de reação não exatamente legitimam o conteúdo de forma positiva, pois se uma publicação tiver mais reações “gr” do que “curtir” ou “amar”, por exemplo, pode significar que a maioria dos usuários que interagiram com a postagem desaprovam o conteúdo da mesma. O mesmo pode ocorrer com a reação “triste”.

Segundo Mark Zuckerberg, criador e CEO do Facebook, em sua publicação²⁶ oficial sobre o lançamento dos novos botões de reação, eles serviriam para suprir o pedido dos usuários de ter um botão de “descurtir” no site.

26 <https://www.facebook.com/zuck/videos/10102412343501081/> (acesso em 04/06/2016)

Nem todo o momento é um bom momento, e às vezes as pessoas só querem uma forma de demonstrar empatia. Esses são momentos importantes onde você precisa do poder para compartilhar mais que nunca, e um 'curtir' pode não ser a melhor maneira de se expressar. [...]Passamos muito tempo pensando na melhor maneira de dar mais opções para que vocês possam se expressar melhor, mantendo toda a experiência respeitosa e simples”²⁷ (ZUCKERBERG, 2016)

A partir das observações apontadas, foi possível criar uma classificação das reações do Facebook em uma tabela (Tabela 1) que define se a reação em determinado contexto é positiva, negativa ou neutra. Essa classificação é simplista e deve ser aperfeiçoada, pois ainda não existem muitos estudos acerca dessa nova ferramenta dentro do site, apenas textos em blogs e afins, como o Souza E.(2016)²⁸ para o site Techtudo²⁹. Esse autor faz um pequeno tutorial sobre o significado de cada uma das reações baseado no senso comum. Novamente reforçamos a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre esses novos botões de reações.

Considero uma publicação positiva aquela em que o usuário exalta algum acontecimento positivo de sua vida (conquista pessoal) ou compartilha uma notícia, que em teoria, beneficia a maioria (como uma notícia de descoberta de cura para uma doença). Para o caso de uma publicação neutra, é considerado aquele tipo que não exalta nenhum aspecto positivo nem negativo da vida das pessoas, como fotos genéricas e notícias de sites de fofoca. Por fim, negativo seria aquele conteúdo que é triste ou revoltante de alguma maneira, gerando uma comoção em massa, como a morte de um amigo, uma tragédia em grandes proporções, corte de direitos por parte do governo, etc.

27 Trecho original: <https://www.facebook.com/zuck/videos/10102412343501081/> (acesso em 04/06/2016)
<Tradução minha>

28 <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2016/02/grr-uau-haha-entenda-significados-dos-botoes-do-facebook-reactions.html> (acesso em 04/06/2016)

29 <http://www.techtudo.com.br/> (acesso em 04/06/2016)







Tipo de Conteúdo da Publicação / Reações						
+ Positivo	+ 0	+	+ 0	+ 0	-	-
0 Neutro	+ 0	+	+ 0	+ 0	-	-
- Negativo	0	-	-	- 0	- +	- +

Tabela 1 – Classificação das reações conforme conteúdo

Sendo assim, quando uma publicação é considerada positiva (+), a reação de 'curtir' pode ser considerada positiva (+) ou neutra(0), dependendo do conteúdo. Já a reação 'amei' é sempre considerada positiva nesse contexto, pois significa um envolvimento maior com o conteúdo, mais do que uma simples visualização ou legitimação. Quando o conteúdo é considerado negativo (-), o botão 'amei' pode ser entendido como sinônimo de ironia, ou, então, simplesmente uma gafe. Os botões de 'triste' e 'grr' são considerados positivos como reação à notícia ruim. Por exemplo, quando o ser humano pratica a empatia e se revolta com certas situações no mundo como a fome, a miséria, tragédias, retirada de direitos, etc. Nos demais contextos pode ser considerado negativo.

Através de uma observação superficial foi possível perceber que, mesmo com as novas reações, o botão 'curtir' ainda é o mais utilizado. Uma hipótese para isso é que ele é o primeiro na lista e não necessita que o usuário deixe o cursor do mouse em cima do ícone para que apareça a reação, basta clicar. Já nas demais reações o usuário deve manter o cursor do mouse sobre o ícone ou então ficar pressionando (no caso de aparelhos com tela sensível ao toque) o botão 'curtir' em cinza para que apareçam as demais opções de reação.

Já o botão de compartilhamento vem associado a outros valores, pois compartilhar algo pode significar que a intenção seja uma maior visualização de um conteúdo. Além disso, implica que a postagem seja reproduzida na página pessoal do usuário, fazendo que a rede

deste usuário visualize a mensagem. Ou seja, quando 'eu' compartilho algo, quero que aquilo faça parte do meu perfil virtual, da minha construção de identidade virtual, quero que quem esteja na minha rede e que os usuários que fazem parte dela saibam que concordo ou não com aquilo que compartilhei.

O compartilhamento demonstra uma característica interessante do comportamento social e formação de identidade virtual, pois é um botão que leva o usuário a um envolvimento maior com a publicação, visto que a mesma será replicada em sua página pessoal. Segundo Recuero (2014):

Nesse sentido, parece-nos que compartilhar algo que seja valorizado pela rede é um valor positivo. Compartilhar uma informação também é tomar parte na difusão da conversação, na medida em que permite que os usuários construam algo que pode ser passível de discussão, uma vez que é de seu interesse, para sua rede social. O compartilhamento também pode legitimar e reforçar a face, na medida em que contribui para a reputação do compartilhado e valoriza a informação que foi originalmente publicada. (RECUERO, 2014, p. 120)

O botão de 'comentar', por sua vez, implica uma maior participação do usuário. De acordo com Recuero (2014), este botão implica uma prática conversacional, pois trata-se de uma mensagem que é agregada à publicação original. Essa mensagem pode ser vista e curtida por todos os outros usuários que também interagiram com a postagem. As interações geradas pelas conversações através dos comentários podem vir a agregar sentido aos *posts*, pois normalmente os comentários geram diálogos acerca do tema da publicação original.

É comum existirem conflitos em comentários de publicações de grandes páginas, haja vista a multiplicidade de pessoas que criam um perfil e interagem com desconhecidos no Facebook. Essa diversidade tanto cultural, quanto social e linguística faz que conflitos possam surgir entre pessoas que não se conhecem devido a conceitos pré formados e visões distintas de mundo. Neste estudo, busco focalizar na diversidade das práticas discriminatórias das linguagens existentes na rede, pois tais práticas desqualificam aqueles usuários que se

anunciam na rede.

Segundo Recuero (2014), pelo fato de o botão de comentário envolver um maior engajamento do usuário com a conversação, este seria visto também como uma ameaça à face, visto que através de *prints* o mesmo pode ser facilmente descontextualizado quando migrado para outras plataformas de compartilhamento. Além disso, existem relatos de usuários que deixam de comentar para evitar conflitos (RECUERO, 2014).

Sendo assim, os principais botões interacionais do Facebook podem ser vistos como ferramentas para legitimação de Discursos e conteúdo, pois estabelecem novas relações e significados quando utilizados em diferentes contextos. Em vista disso, estes botões interessam à pesquisa pois permitem observar o quão legitimado é um conteúdo, além de permitirem observar as reações classificando-as como positivas ou negativas.

2. INTERNETÊS E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Diferentes grupos sociais na mesma rede significa também, diferentes formas de agir e de se comunicar entre grupos. Em um chat, por exemplo, a pessoa não tende a conversar com seu chefe do trabalho da mesma forma que conversa com seu melhor amigo ou com sua mãe. Entretanto, é sabido que algumas características da conversação em rede são compartilhadas quando esses diferentes tipos de usuários utilizam alguma ferramenta para interagir na rede, como, por exemplo, algumas abreviações e *emoticons*.

Devido à velocidade que internet e a CMD exigem do usuário ao se comunicar pela rede, muitos desvios gramaticais podem ocorrer, alguns propositais e outros não. Grande parte dos textos que circulam no meio digital utilizam de uma linguagem diferenciada, o chamado 'Internetês'.

Komesu (2007), já se preocupava em caracterizar o internetês como uma linguagem própria do meio digital. “De maneira popular, o internetês é conhecido como o português digitado na internet, caracterizado por simplificações de palavras que levariam em conta, principalmente, a *interferência da fala* na escrita.” (KOMESU, 2007, p. 102). O internetês surgiu da necessidade de velocidade na digitação e comunicação. As estratégias utilizadas para esta nova modalidade de escrita, consistem em quebrar as regras da gramática normativa tradicional para que assim possa ser desenvolvido com mais rapidez o texto escrito.

“O internetês é conhecido como forma grafolinguística que se difundiu em textos como chats, blogs e demais redes sociais. Seria uma prática de escrita caracterizada pelo registro divergente da norma culta padrão” (KOMESU, 2010 p.624). No internetês é comum iniciar uma frase sem a letra maiúscula, desconsiderar os acentos gráficos e pontuação, e utilizar um número imenso de abreviaturas. É justamente isto que é tomado, por muitos,

como uma afronta ao português tradicional, o que alguns chamam de “assassinato da língua”.

Hilgert (2000) aponta para uma construção de um texto falado por escrito, a fim de entender a comunicação mediada pelo computador. Ele relata que os usuários “sentem-se falando, mas, pelas especificidades do meio que os põe em contato, são obrigados a escrever suas mensagens, ou seja, interagem, construindo um texto "falado" por escrito.” (HILGERT, 2000, p. 1). Vale ressaltar que a estratégia de construção de texto falado por escrito não é nova. Para fazer anúncios em rádio eu texto era escrito de uma maneira mais próxima à modalidade oral da língua. Esse tipo de estratégia era utilizada para que o locutor pudesse ler o texto na rádio de maneira mais fluída. Portanto, apesar da estratégia de construção de ambos textos (na rádio e na internet) serem próximas, existem características que as distanciam, além de serem para finalidades de comunicação distintas.

Há registros de que o internetês sofre com o preconceito linguístico desde seu surgimento, pois o mesmo não é visto como um sistema autônomo, e sim uma alteração, uma corruptela do idioma tradicional. Esse tipo de pensamento demonstra uma falta de compreensão em relação ao funcionamento das línguas. Essa falta de conhecimento sobre determinadas práticas de escrita na rede leva as pessoas a compreenderem essa transformação da linguagem como uma degradação e uma conseqüente morte da língua (KOMESU, 2010).

Crystal (2005) denominou essa conversação mediada pelo computador de *netspeak*. Embora o termo possa ser visto como uma tradução do internetês, eles possuem muitas distinções, pois o estudo de Crystal é focado no inglês. Entretanto, todas as línguas utilizadas na internet compartilham de algumas características, como o uso de abreviações e processos de fonetização, como no uso do termo “jajajaja” na CMD em espanhol, cuja letra “j” possui um som igual ao “r” forte em português /x/, como na palavra “rei”.

É possível verificar em sites e blogs sobre a língua portuguesa críticas hostis a essa

forma de escrita, uma delas feita por Jussara de Barros pedagoga da equipe do site Brasil Escola³⁰. A autora afirma que: “As escolas devem trabalhar muito quanto a esse aspecto [escrita na internet], pois não podemos permitir que a escrita correta das línguas sejam destruídas diante das banalidades virtuais” (BARROS, 2015, s/p).

Ademais, é possível averiguar em pesquisas anteriores como esse preconceito linguístico é exteriorizado por usuários de uma antiga rede social que não existe mais, o Orkut³¹. Komesu (2007) analisa algumas comunidades no Orkut que tratavam da língua portuguesa com um Discurso³² mais purista, isto é, aquele que se filia a uma posição mais conservadora em relação à língua, onde qualquer mudança é tida como algo ruim. São elas:

- Eu Odeio o Internetês!!!(<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=2049748>);
- Eu OdEiU GeNTi ki IsKreVi AxIM (<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=71402>);
- Adoro escrever certo (<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=761741>);
- Internetês – Letras (<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=679680>). (KOMESU, 2007 p. 106)

No contexto apresentado ao longo deste estudo, procurarei problematizar o chamado 'erro de português'. No Discurso que frequentemente circula hoje acerca da língua, compartilhado pelo senso comum, o sujeito “idolatra” regras gramaticais mesmo não as utilizando de maneira correta. Esse Discurso tem sido o mesmo há muitos anos, de tal modo que a manifestação do preconceito linguístico ocorre de maneira inconsciente por muitos usuários da rede, vide o fato de o sujeito não refletir acerca dessas regras, pois já está tão institucionalizado este Discurso que a discussão acerca do tema, muitas vezes, se mantém restrita ao mundo acadêmico.

Em situações em que se rechaça o modo como os usuários da rede se comunicam, o

30 <http://www.brasilecola.com/> (acesso em 24/11/2015)

31 O Orkut foi uma rede social filiada ao Google, criada em 2004 e encerrada em 2014. Para saber mais: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut> (acesso em 14/11/2015)

32 O conceito de Discurso utilizado para este estudo é o de GEE (1990) e será elucidado mais adiante no referencial teórico.

que acontece é uma desvalorização e marginalização que parte de um sujeito para outro, pois se o outro “não sabe” escrever, assume-se que provavelmente seja menos capaz que aquele que sabe escrever. Esse tipo de Discurso é proveniente de uma sociedade que valoriza o domínio da norma culta como um sinônimo de prestígio social e bom desempenho intelectual.

Na Figura, temos o exemplo de preconceito linguístico por parte de um usuário da rede que, em uma discussão acerca do movimento feminista, desqualifica outro com base no desempenho linguístico.

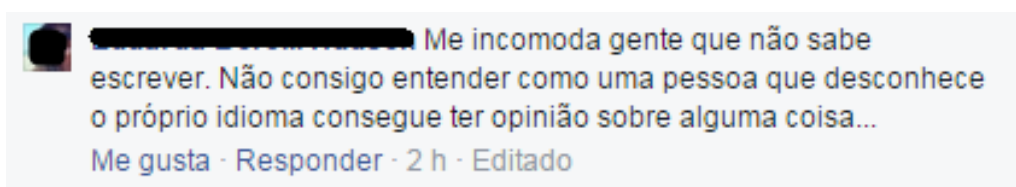


Figura 3 – Captura de Tela 1³³

Tendo em vista os pressupostos apresentados, é possível afirmar que a língua não é somente veículo de fala, ela carrega Discursos, cultura e identidade nacional. Tomando como referência nossa história local com a língua portuguesa, vê-se que o português chegou ao Brasil juntamente com a colonização (ou invasão) portuguesa, mas que, antes disso, existiam milhares de línguas indígenas, muitas das quais foram extintas durante o processo de colonização. Algumas dessas línguas, ainda hoje, sobrevivem no interior do país, lutando contra uma cultura e políticas linguísticas hegemônicas que insistem no predomínio de uma língua única.

Os estudos em Sociolinguística nos apresentam uma outra visão sobre o que é a língua, a linguagem e a fala. Através de uma abordagem da língua (linguagem) como fato social, William Labov (1972), maior expoente e fundador da Sociolinguística Variacionista, conseguiu perceber e descrever as diversas variações e variantes na língua inglesa. Essas

³³ Link para a publicação do comentário: <https://www.facebook.com/BuzzFeedBrasil/posts/1678949532319944> (acesso em 16/05/2016)

descobertas foram importantes para desmistificar a homogeneidade linguística, falácia reproduzida por diversas escalas da sociedade em diferentes culturas.

Marcos Bagno (2000), um dos pesquisadores brasileiros mais envolvidos em projetos que buscam questionar e desmistificar a gramática normativa através de estudos em linguística, desconstrói diversas falácias acerca da língua, como a ideia da unidade linguística brasileira e também o argumento de que o brasileiro não sabe português porque essa é uma língua difícil, que o verdadeiro português só é falado em Portugal, que o correto é falar como se escreve, entre outros. Mitos esses que fazem parte do imaginário do Discurso de senso comum sustentado por parte da sociedade mais conservadora, pois como foi colocado anteriormente, o domínio de uma língua tida como culta é sinônimo de prestígio social.

Posto isso, cabe então questionar por que esses estudos tão importantes não são conhecidos fora do meio acadêmico? Por que não são de fato aplicados nas escolas? Por que, quando os argumentos terminam, em geral, as pessoas reduzem tudo à gramática?

Talvez as questões apresentadas não deem conta de toda a gama de práticas que se relacionam com os usos da língua portuguesa, que é a língua mais utilizada no Brasil. Bagno (2000) nos lembra que nem todo cidadão possui acesso à instituição formal de ensino, à escola, que em teoria deveria ser acessível a todo cidadão, porém não faz parte da vida de muitos.

As questões externas e de ordem social que são tratadas junto à linguagem na abordagem da sociolinguística nos fazem refletir e pensar que provavelmente as instituições responsáveis pela formação intelectual das pessoas não estejam se atualizando a ponto de contornar os problemas relativos à língua.

Este tipo de problema termina por segregar e excluir os falantes que não se utilizam da forma culta convencional, muitos deles inclusive acabam sendo prejudicados em

questões burocráticas do dia a dia, pois não possuem o letramento adequado para lidar com os textos que em geral são escritos na norma culta. Soma-se a isso o fato de que as grandes instituições midiáticas insistem na falácia da gramática normativa como única, verdadeira e legítima forma de uso da língua. Isso é perceptível nas diversas publicações e programas na mídia que existem sobre 'dicas de português'. E essas publicações só dão conta da gramática normativa, não da língua como um todo. Conforme Bagno (2000):

O que aconteceu, ao longo do tempo, foi uma inversão da realidade histórica. As gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar como “regras” e “padrões” as manifestações lingüísticas usadas espontaneamente pelos escritores considerados dignos de admiração, modelos a ser imitados. Ou seja, a gramática normativa é decorrência da língua, é subordinada a ela, dependente dela. Como a gramática, porém, passou a ser um instrumento de poder e de controle, surgiu essa concepção de que os falantes e escritores da língua é que precisam da gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua “bonita”, “correta” e “pura”. A língua passou a ser subordinada e dependente da gramática. O que não está na gramática normativa “não é português”. (BAGNO, 2000 p. 64)

Assim, percebe-se norma como um instrumento de poder extremamente segregador e efetivo. Todas essas considerações acerca do internetês e o meio digital nortearão o tratamento que será dado mais adiante à questão do preconceito lingüístico, tendo em vista que este estudo busca compreender este movimento segregador dentro do contexto do Facebook.

3. DISCURSO E IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS

Este estudo parte da ideia de que a língua é um fenômeno social, heterogêneo e plural que carrega Discursos (GEE, 1990). A língua é veículo do Discurso, pois é através da materialidade (discurso) que o mesmo se manifesta. Para tal, interessa marcar que nos apoiamos na definição de Discurso com “D” maiúsculo de James Paul Gee (1990). Gee define o discurso (com “d” minúsculo) como a língua em uso, diferenciando do Discurso (com “D” maiúsculo), sendo este último, a combinação da linguagem com a ideologia e outras práticas sociais (comportamento, valores, modos de pensar, roupas, comida, costumes, cultura etc).

Cada Discurso incorpora um conjunto de "Teorias" gerais tácitas sobre o que é uma pessoa "normal", quais as maneiras "certas" de pensar, sentir e se comportar. Essas teorias envolvem crucialmente pontos de vista sobre a distribuição de "bens sociais" como status, importância e bens materiais na sociedade (quem deve e quem não deve tê-los). [...] Tais teorias, que são parte integrante de cada Discurso, e que, portanto, estão subjacentes ao uso da linguagem, em todos os casos, é o que eu chamo neste livro ideologias. E, assim, também, afirmo que a linguagem está ligada de maneira intrínseca à ideologia e não pode ser analisada ou entendida fora dela.”³⁴ (GEE, 1990, p. 4)

Dentro do paradigma apresentado, os Discursos de preconceito linguístico são ligados a um julgamento de valor, de fundo depreciativo de determinadas variações de uma língua ou dialeto. Esta pesquisa apoia-se também no conceito de preconceito linguístico cunhado pela sociolinguística (BAGNO, 2000), cujo pressuposto é que a língua não é homogênea e está em constante transformação, sendo utilizada de forma distinta pelos diversos grupos falantes que existem no mundo.

34 Texto original: “Each Discourse incorporates a usually taken for granted and tacit set of “theories” about what counts as a “normal” person and the “right” ways to think, feel, and behave. These theories crucially involve viewpoints on the distribution of “social goods” like status, worth, and material goods in society (who should and who shouldn’t have them). [...] Such theories, which are part and parcel of each and every Discourse, and which, thus, underlie the use of language in all cases, are what I call in this book ideologies. And, thus, too, I claim that language is inextricably bound up with ideology and cannot be analyzed or understood apart from it.” (GEE, 1990 p. 4) Tradução minha.

No contexto online, a manifestação material desse Discurso vai ocorrer de maneira diferente do offline, visto que a maior parte da língua em uso neste contexto é na modalidade escrita. O Discurso acerca do preconceito linguístico na internet, assim como fora da rede, está fortemente ligado à normatividade gramatical, pois este termina por ser o parâmetro para o “certo” e “errado” no uso da língua, também definindo o que/quem vale mais ou menos dentro de uma determinada conjuntura social devido ao poder segregador desta norma.

Um dos possíveis motivos para esta valorização/desvalorização pode dar-se pelo fato de que um dos primeiros Discursos que o indivíduo em uma sociedade tem acesso acerca da língua seja o escolar, que está fortemente ligado à homogeneização do ensino da língua.

Muitas pessoas nas sociedades ditas “letradas” quando perguntadas sobre o que é letramento, tentem à fazê-lo em termos de habilidade em leitura e escrita. Esta interpretação restrita do letramento é fruto da psicologia reducionista que reinou com supremacia por décadas em muitos contextos acadêmicos e educacionais moldando teorias de letramento e práticas de sala de aula.³⁵ (RISTOF, 1990, p.1)

Moita Lopes (2013) apoiado em Woolard (1998), Blommaert e Rampton (2011), Bakthin (1981) e Kroskrity (2000) discute sobre as novas teorizações do que é de fato língua e o Português, definindo-os através de um projeto Discursivo orientado por ideologias, que na antropologia linguística são nomeadas como ideologias linguísticas. O autor define o termo ideologia linguística a partir da confluência de práticas linguísticas sócio-históricas e os seres humanos. Deste modo, para o autor, ideologia linguística são as compreensões de como a linguagem e as línguas têm sido ou são entendidas com base em certas práticas sócio-históricas (MOITA LOPES, 2013). Susan Philips (2004) descreve as ideologias linguísticas a partir da confluência de práticas sociais e Discursos. Para a autora:

35 Texto original: “Many people in “literate” societies, when asked to define literacy, almost always do so in terms of reading and writing abilities. This narrow interpretation of literacy, an offspring of reductionist psychology, has reigned supreme in many academic and educational contexts for decades, greatly shaping literacy theories and classroom practices.” (RISTOF, 1990 p.1) Tradução minha.

As ideologias da linguagem representam a percepção da linguagem e do discurso que é construído no interesse de um grupo social ou cultural em específico. As noções de um membro sobre o que é 'verdade', 'moralmente bom' ou 'esteticamente agradável' sobre a linguagem e Discurso baseiam-se na experiência social e, muitas vezes interesses econômicos.³⁶ (PHILIPS, 2004, p. 497)

Kroskrity (2000) define ideologia da linguagem através do conceito de *cluster*, consistindo de várias dimensões convergentes, com várias camadas de significado não só parcialmente diferenciadas, mas analiticamente diferenciadas, deixando a entender que no conhecimento existente sobre as ideologias linguísticas não existe uma unidade particular e sim uma gama de definições.

Assim, as ideologias linguísticas são variadas e podem refletir em diferentes dimensões, Moita Lopes fundamenta a ideia do antropólogo linguístico Paul Kroskrity (2000) concebendo as ideologias da língua em cinco grandes dimensões linguísticas.

A primeira está relacionada diretamente a interesses políticos e sociais. Um exemplo disso são determinados grupos sociais e organizações políticas, que se utilizam da ideologia linguística da norma, de modo a desamparar sociolinguisticamente aqueles indivíduos ou grupos que não dominam a língua tida como legítima. (MOITA LOPES, 2013)

A segunda tem a ver com o fato das ideologias linguísticas serem variadas, visto que na sociedade os diversos significados sociais existentes se referem a uma multiplicidade de divisões sociais (gênero, classe, sexualidade, nacionalidade etc). Dessa forma, a ideologia linguística feminista, por exemplo, pode ser vista como a de um grupo específico, de mulheres “intelectualizadas, de classe média e, no Brasil, majoritariamente, brancas.” (MOITA LOPES, 2013 p. 23)

A terceira dimensão se refere à consciência linguístico-ideológica que os

36 Texto original: “One, language ideologies represent the perception of language and discourse that is constructed in the interest of a specific social or cultural group. A member’s notions of what is “true,” “morally good,” or “aesthetically pleasing” about language and discourse are grounded in social experience and often demonstrably tied to political economic interests.” <Tradução minha>

participantes de um determinado grupo social possuem acerca da linguagem que adotam. Essa consciência é variável, e nem sempre os participantes a possuem de maneira explícita. Um exemplo disso são cultos religiosos, cujos participantes, por muitas vezes, somente reproduzem o discurso sem ao menos ter a consciência do mesmo. (MOITA LOPES, 2013)

A quarta dimensão, refere-se à mediação que as ideologias linguísticas fazem em relação às estruturas sociais e a linguagem em uso.

“Tal mediação é marcada pelas indexicalizações linguísticas e discursivas no uso da linguagem que se referem às experiências socioculturais dos falantes e escritores, ou seja, índices das *performances* identitárias e das práticas discursivas em que eles estão envolvidos.” (MOITA LOPES, 2013, p. 25)

A quinta e última dimensão diz respeito ao modo pelo qual as ideologias linguísticas são utilizadas na construção de identidades culturais e nacionais (MOITA LOPES, 2013). Um exemplo disso é a ideologia linguística de senso comum difundida no Brasil. A ideologia da delimitação linguística, cujo pressuposto é que o Brasil é um país monolíngue, excluindo as outras 274 línguas indígenas (IBGE 2010), sem contar os falantes de língua estrangeira e usuários de LIBRAS (MOITA LOPES, 2013). Sendo assim, podemos dizer que essa dimensão reflete os interesses específicos de certos grupos, como valores e visões de mundo.

As definições apresentadas buscam amparar teoricamente o trabalho proposto e serão retomadas mais adiante nas análises que compõem esta pesquisa. O intuito é explorar as ideologias que estão por trás do preconceito linguístico no Facebook, tendo como base os autores citados, além de outros que aparecem ao longo da pesquisa.

4. METODOLOGIA

4.1. DELIMITAÇÃO DO TEMA E CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO

Para a análise do preconceito linguístico no contexto do Facebook, primeiramente foi feita a seleção de comentários e interações sociais em *fanpages* aleatórias e em perfis de usuários com as quais a autora possui ligação em sua conta pessoal no Facebook. Para essa seleção, foram consideradas publicações e compartilhamentos de imagens cujo conteúdo era relacionado à língua portuguesa.

A fim de exemplificar a referência ao uso de certas formas linguísticas relativas referidas neste estudo por preconceito linguístico, apresento as imagens a seguir que foram retiradas de forma aleatória de perfis amigos do Facebook. Nelas são tematizados de maneira pejorativa desvios comuns da língua portuguesa, e os sentidos a eles atribuídos.



Figura 4 – É bonitinho mas...



Figura 5 – Chapolim 2

A Figura 4 faz alusão a um status social daqueles que dominam a norma culta da língua, pois não basta somente ser considerado bonito, é necessário algo a mais, e este diferencial seria o senso comum de bom uso da língua. Na Figura 5 temos a foto do

personagem Chapolim Colorado com uma expressão facial que remete ao sarcasmo, a imagem contém enunciados que debocham de usuários que, na hora de montar ou editar seu perfil do Facebook, selecionam outros idiomas além do português. Através da observação do segundo enunciado é possível inferir que a ideia por trás é que se a pessoa não sabe nem falar português “corretamente”, como vai conseguir falar outras línguas? O preconceito linguístico nesse caso é bastante explícito, pois ocorre uma satirização de um fenômeno fonético comum à língua portuguesa, o rotacismo, onde, em um encontro consonantal, o sujeito falante substitui o fonema /r/ por /l/ ou vice-versa. O que podemos perceber em ambas as imagens é que as formas apresentadas são consideradas menores perante a um padrão social.

A partir do que foi apontado, com vistas a aprofundar mais o assunto, foi feito um estudo exploratório dentro do site do Facebook, a fim de obter uma maior familiarização com o objeto através da observação de páginas cujo foco era a língua portuguesa. Utilizando a ferramenta de busca contida no próprio site, na qual foram pesquisados os termos “português” e “erro de português”, foi possível identificar diversas páginas (mais de 10) com o mesmo nome: “Português da Depressão”. O foco recaiu sobre aquela que continha o maior número de curtidas. Trata-se de uma página autoproclamada de cunho humorístico que possui como moderação diversos usuários que se identificam no gênero feminino (o que é percebido conforme as assinaturas de autoria dos *posts*) e que são responsáveis pela geração e compartilhamento de conteúdo da página. Além disso, as moderadoras costumam também interagir com outros usuários através dos comentários, respondendo questões, inflamando discussões e etc. A página foi fundada em maio de 2012 e, segundo a própria descrição que apresenta, foi a primeira sobre o tema.

Esse estudo preliminar, que visava a uma maior delimitação do tema, permitiu perceber a presença do preconceito linguístico manifestado principalmente através dos memes

que circulam na rede. Com a intenção de restringir esse estudo à interação social que ocorre entre os usuários através das postagens, foi selecionada a página “Português da Depressão” (Figura 6) que continha maior número de curtidas.

Para este estudo foram selecionadas seis publicações dessa página, entre os meses de Janeiro e Março do ano de 2016. Nesse período, a página contava com um número de 730 mil curtidas, uma página com uma legitimação alta cujo conteúdo publicado é bastante replicado. Devido o tom humorístico da página e à legitimação que os usuários foram agregando aos conteúdos compartilhados, o número de curtidas aumentou de maneira muito rápida durante esta pesquisa, atingindo até janeiro de 2017 mais de 1.850.000 de curtidas.



Figura 6 – Página Português da Depressão

A proposta foi fazer um recorte das postagens e interações que ocorreram na página “Português da Depressão”³⁷, que fizessem referência ao mau uso da língua portuguesa segundo a gramática normativa. Para tanto, foram consideradas aquelas postagens que

³⁷ <https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao> (Acesso em 05/12/2016)

tivessem: mínimo de 500 curtidas ou reações; mínimo de 50 comentários; mínimo de 30 compartilhamentos. Foram consideradas publicações cujo tom fosse explicitamente mais agressivo, isto é, que tivessem algum teor de ódio, violência ou preconceito mais acentuado. A partir disso, com auxílio da Análise de Discurso Mediada pelo Computador, sobre a qual discorro na sequência, busquei identificar nas postagens analisadas os Discursos sociais relacionados aos usos do português.

4.2. ANÁLISE DE DISCURSO MEDIADA POR COMPUTADOR (CMDA)

Para realizar o estudo proposto, entendo que a metodologia a ser usada deve atender às necessidades específicas do objeto a ser analisado; para isso foi elegida a CDMA (*Computer-Mediated Discourse Analysis*³⁸), uma proposta da linguista estadunidense Susan Herring (2004), para analisar o Discurso social, situado historicamente e culturalmente. A CDMA parte de um princípio linguístico, isto é, faz uma observação sobre a linguagem e a linguagem em uso, em um paradigma metodológico que coloca a conjuntura da língua falada e escrita juntas. (HERING, 2004)

A metodologia sugerida por Herring (2004) propõe quatro níveis do CDM (*Computer-Mediated Discourse*³⁹), são eles: estrutura, sentido, interação e comportamento social. Cada nível é subdividido em três categorias para que possa ser feita a análise, são elas: questões, fenômeno e métodos. Em 2012, Herring escreve sobre o que considera ser o quinto nível da CDMA, a comunicação multimodal. No entanto, entendemos que a comunicação multimodal está presente dentro dos demais níveis, sendo desnecessário seu uso como um nível independente. Portanto, aqui consideramos que a comunicação multimodal se faz presente em todos os níveis da CDMA. Podemos observar na tabela a seguir os aspectos

38 Análise de Discurso Mediada pelo Computador

39 Discurso Mediado pelo Computador

considerados dentro desses níveis.

Níveis da CDMA (2004)

	Fenômeno	Questões	Método
Estrutura	Tipografia, ortografia, morfologia, sintaxe, esquemas de discurso.	Características de gênero, oralidade, eficiência, expressividade, complexidade.	Estrutural / Descritivo linguístico, análise de texto.
Sentido	Significado das palavras, enunciados (atos de fala), macrossegmentos.	Intenção do falante, o que é realizado através da linguagem.	Semântica, pragmática.
Interação	Turnos, sequências, trocas, tópicos.	Interatividade, sincronismo, coerência, interação como co-construído, desenvolvimento do tema.	Análise da conversação, etimologia.
Comportamento Social	Expressões linguísticas de status, conflito, negociação, gerenciamento da face, jogos, estilos discurso, etc.	Dinâmicas sociais, poder, influência, identidade.	Sociolinguística interacional, Análise Crítica do Discurso

Tabela 2

Quinto nível da CMDA (2012)

Nível	Fenômeno	Questões	Método
Comunicação Multimodal	Efeitos, modos de cruzamento; referência; geração e espalhamento da unidade gráfica; mídia; co-atividade; etc.	Modo de escolha; texto-imagem; imagens; citações; espaço e tempo; posicionamento(?) e deixis; animação; etc.	Semiótica social; análise de conteúdo visual; estudo de filme

Tabela 3

Os níveis da CDMA nos ajudam a entender os Discursos existentes na rede fazendo que eles fiquem mais visíveis, pois, muitas vezes, esses Discursos não são perceptíveis em um primeiro momento, principalmente para quem os reproduz. Johnson (2010) com apoio em Herring (2004) afirma que:

A CDMA compartilha com outras formas de análise do discurso a premissa teórica que a escolha da palavra e expressão é potencialmente significativa, além das exigências de léxico e

gramática. Ela procura identificar padrões na estrutura e uso da linguagem que podem ser produzidos inconscientemente, porém lança luzes em fenômenos mais amplos tais como a tomada de decisão, ideologia de gênero, identidade cultural e construção do conhecimento. (JOHNSON, 2010, p. 126)

Para a análise dos dados, a CDMA foi utilizada de maneira qualitativa, a fim de coletar no discurso (isto é, na materialidade de seus enunciados) dos usuários que interagem nas publicações da página “Português da Depressão” elementos que possam dar indícios do Discurso de preconceito linguístico e também de outros preconceitos que estão articulados a ele. Nas postagens analisadas, o foco recaiu sobre as interações que foram mais legitimadas. Para a análise, considero os diferentes níveis referidos em relação uns aos outros. Ainda que, para fins explicativos, eles tenham que ser apresentados um de cada vez, os mesmos não serão analisados separadamente, pois é comum ocorrer interligação entre eles podendo, assim, por exemplo, aspectos do nível do sentido aparecer no nível da interação e vice-versa.

4.3. ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

A partir do modelo proposto por Herring (2004) e tomando por base o referencial teórico apresentado neste estudo, para análise de cada postagem, em um primeiro momento, é apresentada uma ficha técnica sobre a publicação com dados de compartilhamento, reações, comentários, data da publicação, data e hora da coleta e captura de tela da publicação original. Em seguida é apresentada um texto analítico, elaborado a partir das categorias da CDMA. Dentro do texto, serão apresentados exemplos de comentários e compartilhamentos. Todos esses exemplos foram retirados da publicação em foco. Apesar de o Facebook tornar esses comentários públicos, a autora optou por preservar a foto e nome de perfil dos usuários da rede.

A análise começa sempre a partir do nível da estrutura, com uma descrição da publicação selecionada, de forma a introduzir os outros níveis (sentido, interação e comportamento social) analisados. Não existe uma divisão clara entre esses níveis, pois eles aparecem de forma mesclada, conforme os elementos da publicação são analisados, o que faz que sejam retomados em diferentes momentos do texto. Além disso é importante ressaltar que a análise é descritiva com base nas categorias de Herring (2004), e que serão promovidas reflexões de cunho sociológico com base no referencial apresentado, retomando essas referências sempre que necessário ao longo do texto, para tentar amparar teoricamente as ocorrências do preconceito linguístico nos discursos com a finalidade de observar os Discursos vinculados a esses.

5. ANÁLISE DE DADOS

5.1. PUBLICAÇÃO 1

Data da postagem: 21/01/16	Data da coleta: 03/02/16	Hora da Coleta: 15h20
Curtidas: 1,3mil		
Comentários: 96		
Compartilhamentos: 450		
Link: https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/pb.312906072120899.-2207520000.1459962953./965163670228466/?type=3&size=540%2C960&fbid=965163670228466		

The image shows a screenshot of a Facebook post. At the top left, the profile name 'Português da Depressão' is visible with a small logo and the date '21 de janeiro'. To the right is a 'Curtir Página' button. The post text reads 'Limpa-çe - Agatha'. The main image is a photograph of a hand-painted sign on a green post. The sign has two parts: a white top section with green text that says 'LIMPO-AR COM DISINFECTANTE RESIDUAL' and a brown bottom section with white text that says 'APARTIR DE 50,00'. Below the photo are interaction buttons: 'Curtir', 'Comentar', and 'Compartilhar'. At the bottom, statistics are shown: '1,3 mil' likes, '450 compartilhamentos', and '96 comentários'. There is also a link to 'Principais comentários'.

Figura 7 – Postagem 1

No nível da estrutura, a publicação caracteriza-se a partir de um elemento principal, uma fotografia de duas placas escritas à mão. Essas placas estão presas em uma estrutura um pouco acima do solo e possuem os seguintes enunciados: “Limpo.ar comdisi.o.nado.rezidencial”, “Aparti de 50,00”. A fotografia é publicada juntamente com o seguinte texto: “Limpa-çe” e ao final um elemento que sugere uma autoria, uma assinatura do administrador da página que se identifica como “-Agatha”.

É possível perceber, através de uma análise superficial dos elementos que compõem a fotografia, que a mesma foi feita em um local periférico, provavelmente longe de um centro urbano. A rua em que a placa está localizada é de terra, mal tendo vestígios de asfalto, não possui calçada e os poucos resquícios de estruturas e construções possíveis de se enxergar ao fundo, parecem ser precários.

A partir desse cenário, é possível trabalhar o sentido da publicação que claramente utiliza de um tom jocoso para difundir um Discurso preconceituoso. Existe nessa publicação mais de um plano enunciativo. O contexto 'original', da placa no lugar em que se encontra geograficamente e seus possíveis interlocutores (possíveis clientes ou pessoas que passam pela rua em que ela está situada) é um desses planos. Entretanto, para analisar esta publicação consideraremos apenas o plano enunciativo da página “Português da Depressão” do Facebook, pois a partir do momento em que existe um deslocamento de contexto (da rua para o Facebook e na página “Português da Depressão), o plano enunciativo e, logo, o (D)discursivo muda, pois os interlocutores serão outros.

O uso do termo 'limpa-çe' escrito propositalmente de uma maneira que foge à norma é um elemento importante para entendermos o tom sarcástico da publicação. Uma página que busca fazer críticas a mensagens cujo discurso está escrito de maneira considerada 'errada', não poderia de maneira alguma cometer 'erros' de tal ordem, a não ser que fossem propositais.

Existe uma lógica interna que encontra respaldo no próprio funcionamento da língua, na gramática internalizada de cada indivíduo. Devido a isso, alguns equívocos são previsíveis no processo de alfabetização tanto em língua materna como em língua estrangeira, revelando até mesmo o estágio do desenvolvimento linguístico do aprendiz (NUNES, 2006). Uma vez que os erros gramaticais são sistemáticos, e no Português Brasileiro não existem palavras que comecem com 'ç', é muito improvável que um usuário da língua cometa este tipo de equívoco. Analisando superficialmente outras publicações da página foi possível perceber que essa é uma prática comum nas publicações da mesma, sempre mantendo o tom humorístico, pois ele é parte essencial da estratégia discursiva.

Devido às características da escrita e da imagem apresentada na fotografia publicada, é possível inferir que provavelmente a pessoa que escreveu a placa não teve acesso a uma educação formal, provavelmente não frequentou todos os anos da escola. Bagno (2000) afirma que um dos maiores geradores de preconceito linguístico é a desigualdade social existente no Brasil. O autor nos alerta sobre o fato da distribuição de renda desigual gerar grandes abismos sociais, fazendo que crianças e jovens desistam da escola para trabalhar e ajudar na complementação da renda familiar. Além disso, o autor nos alerta sobre a polarização da realidade linguística do Brasil conforme o trecho abaixo:

A realidade linguística do português brasileiro é radicalmente polarizada. Temos no topo da hierarquia social uma norma urbana de prestígio, que se inspira na tradição escrita literária, que tenta preservar os traços de um português clássico, idioma criado artificialmente por gramáticos e literatos renascentistas, marcado por uma tentativa de aproximar ao máximo o português do latim. Embaixo, temos uma infinidade de variedades desprestigiadas, rurais, mas também cada vez mais urbanas, empregadas pela retumbante maioria da nossa população. (BAGNO, 2013 *in* MOITA LOPES, 2013 p. 337)

Assim sendo, é possível perceber não somente um preconceito linguístico, mas também um preconceito de classe social, partindo do propagador da imagem (página) que

coloca-se acima de outro, aquele que escreveu de maneira errada, e isto acontece não somente neste *post*, mas em todos os conteúdos apropriados pelos administradores da página. Esse distanciamento é provocado pelo fato de um dos lados supor dominar a língua que é tida como legítima e padrão.

A escrita da placa é colocada em xeque e ridicularizada. Isto ocorre não somente pela administradora da página, mas também pelos usuários que interagem com a postagem, seja através do botão de curtir, que obteve um número expressivo de cliques, demonstrando o quão legitimado foi o conteúdo, ou através dos botões de comentar ou compartilhar.

O comentário mais curtido (Figura 8), foi feito por um usuário que se utilizou de um meme para responder à publicação da página. Em junho de 2013⁴⁰ o Facebook complementou o botão de comentário permitindo que os usuários pudessem também publicar imagens ao invés de somente texto. Comentar com memes virou uma prática comum entre muitos usuários do site. O uso de imagens em comentários de publicações ficou conhecido também como 'foto comentário'.



Figura 8- Fotocomentário da Postagem 1

Como é possível observar, o meme é de cunho depreciativo, mostrando a imagem de uma pomba com a seguinte mensagem verbal “É por isso que eu cago nas pessoas”. As pombas são animais que vivem em grandes centros urbanos, consideradas pragas que transmitem doenças através do contato com as fezes.

⁴⁰ <http://gizmodo.uol.com.br/facebook-agora-deixa-voce-postar-fotos-em-comentarios/> (acesso em 29/09/2016)

Ao se utilizar dessa imagem, o usuário deprecia o discurso da publicação, filiando-se ao Discurso defendido pela página. É curioso perceber, nesse caso, que o meme utilizado pelo autor do comentário serve como justificativa para uma ação. Nesse caso, a da pomba, ou seja, um animal, considerado sujo e transmissor de doenças, está capacitado a defecar nas pessoas pelo não uso da gramática normativa.

O segundo comentário mais legitimado (Figura 9) utiliza a separação silábica feita pela pessoa que escreveu a placa, para fazer um trocadilho.

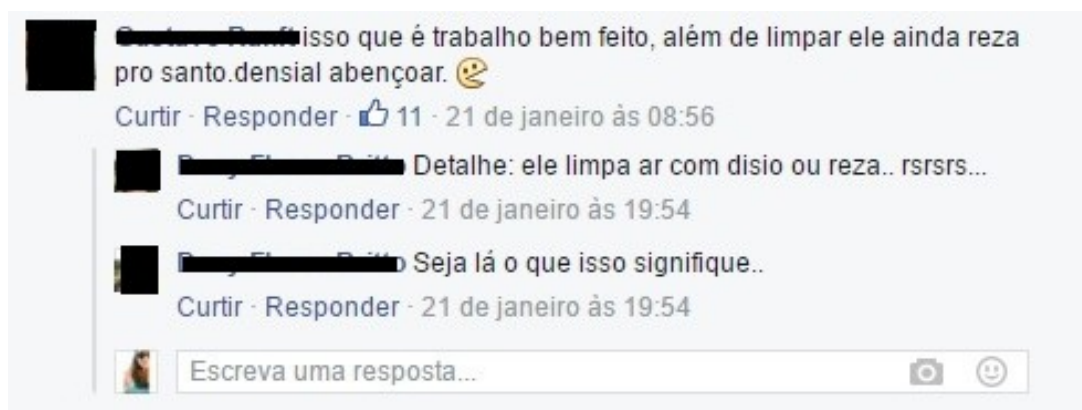


Figura 9 - Captura de tela 2

O comentário refere-se à última parte da primeira sentença da placa, “Limpo.ar comdisi.o.nado.rezidensial”. O comentarista faz um trocadilho em tom irônico, dizendo que, além de limpar, o prestador do serviço ainda reza para o santo 'densial' abençoar. Além das 11 curtidas, houve um pequeno diálogo complementando o sentido da piada.

Outros comentários surgiram fazendo referência ao serviço prestado, alguns usuários fizeram marcação de outros oferecendo o serviço. No exemplo que segue (Figura 10) existe uma conversa entre dois perfis na rede, que serão chamados de usuário 1 e 2, respectivamente.



Figura 10 - Captura de tela 3

O usuário 1 traz o 2 para o contexto da publicação, sugerindo a contratação do serviço prestado. Percebe-se aqui um exemplo claro de CMD, que ocorre de forma síncrona, o que foi possível notar devido ao horário que aparece nos comentários e do uso de elementos extralinguísticos (*emoticons* e risadas), elementos esses que agregam muito na interpretação do sentido, visto que no contexto virtual, alguns elementos pragmáticos não podem ser observados. Além da troca de turnos, característica fundamental de um diálogo, podemos perceber a apropriação da linguagem usada na placa de forma irônica feita pelo usuário 1, que em seguida é respondido pelo usuário 2 em tom depreciativo.

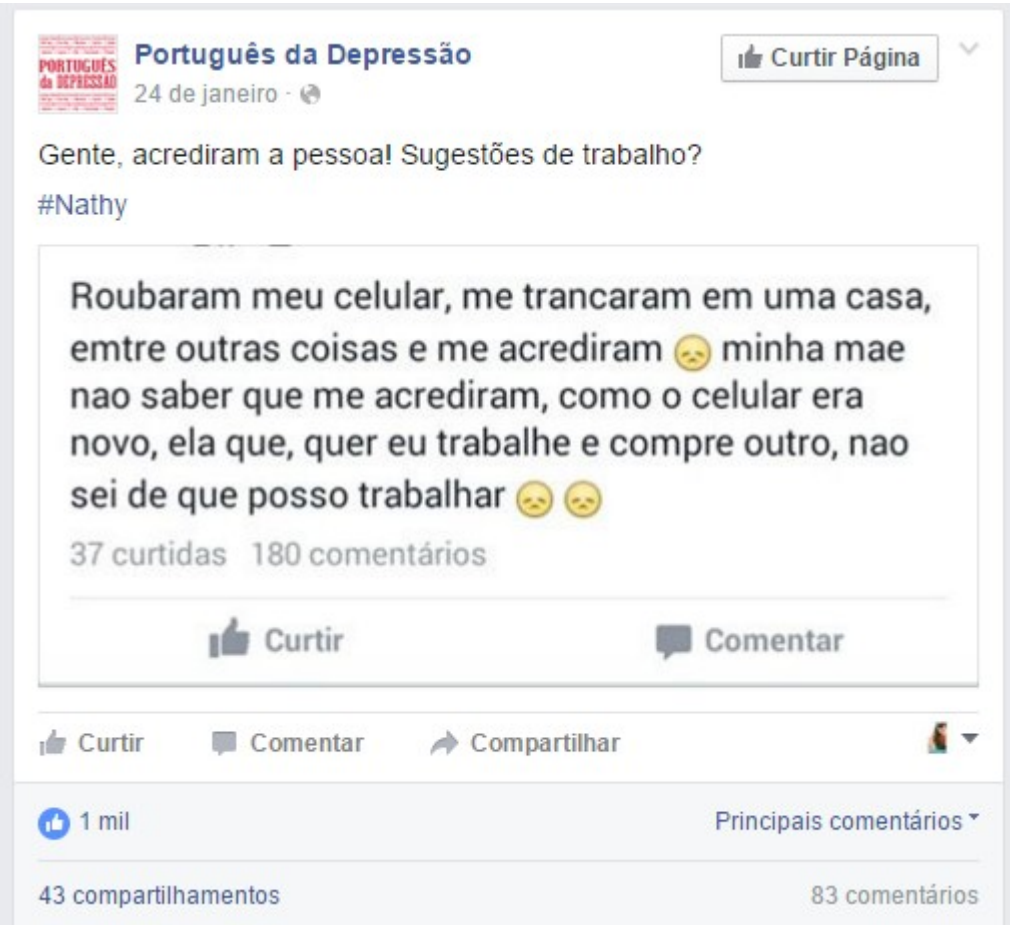
Nesse diálogo podemos perceber como os *emoticons* são utilizados, agregando mais sentido ao tom jocoso dos comentários. Na segunda resposta do usuário 1, o uso dos *emoticons* de risada e palmas, são utilizados como marcadores de ironia e/ou sarcasmo, pois parecem aplaudir e rir da 'burrice' alheia, pois além de o sujeito não saber escrever, ele sequer colocou o número pra contato. O diálogo segue, terminando na manutenção de um Discurso

completamente alheio à realidade, o analfabetismo como doença transmissível. Este Discurso é identificado através do comentário “Eita! Isso pega? Fuiiiii”, este comentário é essencial para entender a relação que é feita entre analfabetismo e doença.

O tom depreciador e chistoso do diálogo e da publicação sugere uma filiação a um Discurso que se encaixa no que Moita Lopes (2013) delimitou como sendo a segunda dimensão linguística, aquela que diz respeito ao fato de existir uma multiplicidade de divisões sociais, e a quarta, aquela que diz respeito às performances identitárias das práticas Discursivas. Logo, a associação Discursiva feita por grande parte dos usuários foi de que, a pessoa que escreveu a placa, o prestador do serviço, não possuiria qualificação suficiente para tal serviço devido à maneira com que a placa foi escrita. Isso ocorre porque em nossa sociedade costuma-se equiparar analfabetismo a um baixo nível de desenvolvimento intelectual, geralmente sustentando essa correlação através da linguagem. Do mesmo modo, os níveis de desenvolvimento econômico e social e de civilidade de uma sociedade são medidos, entre outros fatores, segundo as taxas de analfabetismo.

Os compartilhamentos legitimam a publicação, pois a maior parte somente reproduz o que foi postado. No entanto, alguns seguem a mesma linha Discursiva dos comentários, que coloca em xeque a qualidade do serviço prestado conforme o exemplo da Figura 11.

5.2. PUBLICAÇÃO 2

Data da postagem: 24/01/16	Data da coleta: 03/02/16	Hora da Coleta: 14:52
Curtidas: 1000		
Comentários: 83		
Compartilhamentos: 43		
Link: https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/pb.312906072120899.-2207520000.1459962883./968253823252784/?type=3&theater		
		
Figura 12 - Postagem 2		

A publicação está estruturada a partir de uma captura de tela feita através do próprio site Facebook. A foto de perfil e o nome do usuário que fez a publicação original estão omitidos, no entanto é possível perceber que a mesma vem do Facebook devido aos botões de curtir e comentar que estão em cinza logo abaixo do texto do *post*. A publicação contém o

seguinte texto: “Roubaram meu celular, me trancaram em uma casa entre outras coisas e me acreditaram :(minha mae nao saber que me acreditaram, como o celular era novo, ela que, quer que eu trabalhe e compre outro, nao sei de que posso trabalhar :(:(”.

A publicação original obteve 43 curtidas até o momento do *print* e mais comentários do que a da página Português da Depressão (180 contra 83) no momento da coleta de dados, no entanto não tive acesso à publicação original.

O *print* vem acompanhado da seguinte mensagem “Gente, acreditaram a pessoa! Sugestões de trabalho? #Nathy”. O enunciado propagado pela página fornece a interpretação pelo nível do sentido, o uso do termo “acreditaram” dá o tom chistoso e depreciativo à publicação, visto que demonstra de maneira sutil a intenção do enunciador (neste caso da moderação da página). Aqui, o foco recai mais sobre o “erro” gramatical do que sobre a agressão física em si, como se existisse uma agressão à língua. Esse desvio da regra padrão, considerado erro pela página, pode ser explicado através da fonologia, pois os sons /k/ e /g/ são pares, logo, uma hipótese é de que o autor do enunciado possa ter transcrito esse desvio da oralidade. Ademais, novamente é possível perceber a assinatura, característica constante nas publicações da página, desta vez vem acompanhada de uma *hashtag* (#), que é utilizada normalmente para fazer *tags*, uma espécie de catalogamento de assuntos em sites da internet (palavras-chave).

O que é curioso neste *print* em especial, é o fato de que o texto contido na publicação original ter alguns desvios de ordem ortográfica e gramatical, no entanto preservar outras estruturas conforme a gramática normativa. É possível acreditar que essa quantidade de “erros” foram feitos de maneira proposital, visto que a primeira letra da publicação está corretamente grafada em maiúscula e, de maneira geral, o usuário faz um bom uso da pontuação, apesar de apresentar alguns desvios e de ignorar o uso de acentos, o que pode ser

entendido como uma característica do internetês.

Nos dias atuais, é comum o uso de corretor ortográfico por parte dos usuários que utilizam *smartphones*. É possível crer que se o autor da publicação que originou o *print*, e foi incorporado na publicação a qual analisamos, possuísse tal ferramenta no aparelho que escreveu e emitiu a mensagem, os equívocos cometidos provavelmente seriam outros, como palavras trocadas e sem sentido no meio da frase, o que não correu neste caso.

Conforme solicitado pela administradora da página, outros usuários começaram a interagir sugerindo profissões de maneira anedótica, para o usuário que teve o *print* divulgado. Nesses comentários é possível perceber o Discurso de preconceito linguístico acerca da capacidade de a pessoa exercer alguma profissão. Novamente a maneira de se expressar, a ortografia utilizada, é tida como parâmetro para saber se determinada pessoa é capaz ou não de exercer certas atividades. Pensando por essa lógica, o usuário que publicou a postagem não poderia, por exemplo, exercer profissões consideradas de prestígio perante a sociedade, uma vez que não se espera que profissional, independente da área, não cometa erros de português.

Em nossa sociedade, existe uma crença de que o acesso à escola e à língua padrão, são pré-requisitos para a obtenção de um bom emprego. Logo, ser escolarizado e, conseqüentemente, saber falar e escrever corretamente são vistos como essenciais para a ascensão social e econômica de um indivíduo. Bagno (2000) desmistifica essa falácia exemplificando, através dos próprios professores de português que, em teoria, dominam a língua considerada padrão e, no entanto, não ocupam posições altas na pirâmide social. Além disso, destaca que existem falantes de variantes não padrão, que ocupam posições sociais privilegiadas e não tiveram acesso a uma educação formal (caso de grandes latifundiários do interior do país, que utilizam a variação 'caipira'). No entanto, um dos maiores exemplos que

desmistifica essa falácia foi a eleição e posterior re-eleição do ex-presidente Luíz Inácio Lula da Silva que, mesmo não tendo completado o ensino formal e não utilizando a variante considerada culta da língua, não deixou de ocupar o mais alto cargo público no país.

O comentário mais curtido (Figura 13) sugere que o usuário seja corretor de redação do ENEM⁴¹ (Exame Nacional do Ensino Médio).

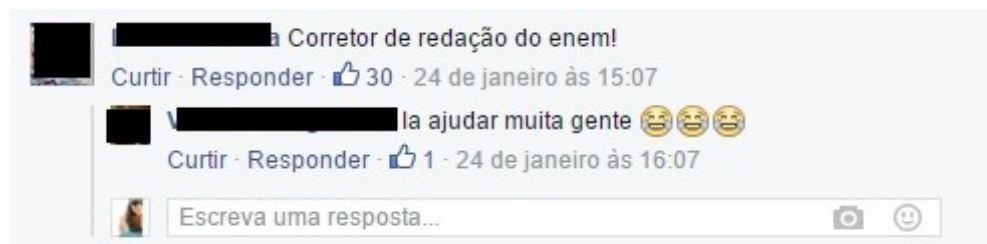


Figura 13 – Captura de tela 5

Para ser bem-sucedido em uma redação do ENEM, o candidato deve seguir uma série de critérios (uso da gramática normativa, coerência e coesão, argumentação, adequação ao tema etc.) que são exigidos conforme o tema proposto. As correções são feitas por profissionais da área de Letras contratados pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas). No entanto, no ano de 2012 houve uma polêmica devido ao fato de algumas redações com erros que, em teoria, deveriam desclassificar os candidatos, terem sido aprovadas⁴².

Em contrapartida, em matéria⁴³ divulgada pelo site R7, alguns profissionais reclamaram da quantidade de texto, do pouco tempo e da baixa remuneração para ler e corrigir as redações. Na mesma matéria, o INEP declarou que alguns erros são toleráveis do ponto de vista pedagógico, pois os estudantes estariam em uma fase de transição do ensino médio para o superior.

41 <http://enem.inep.gov.br/> (acesso em 14/12/2016)

42 <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/enem-2012-textos-nota-1000-tem-erros-como-enchergar-trousse-7866485> (acesso em 14/12/2016)

43 <http://noticias.r7.com/educacao/noticias/professores-corrigem-100-redacoes-do-enem-por-dia-a-r-1-90-cada-20130323.html> (acesso em 14/12/2016)

Tais acontecimentos fizeram que parte da sociedade (inclusive aí o usuário que comentou e os que legitimaram tal comentário) que se filiam ao Discurso do purismo linguístico e bom uso da norma, criassem uma filiação Discursiva ao despreço pela profissão de corretor de redação. Isso fica ilustrado na resposta do comentário principal, onde o usuário diz que “Ia ajudar muita gente”, o tom chistoso e depreciativo é percebido através do uso de *emoticons* de risadas.

O segundo comentário mais curtido (Figura 14) faz menção justamente à crença que abordamos anteriormente, a de que para se ter um emprego e ascensão social a pessoa deve dominar a língua tida como padrão.

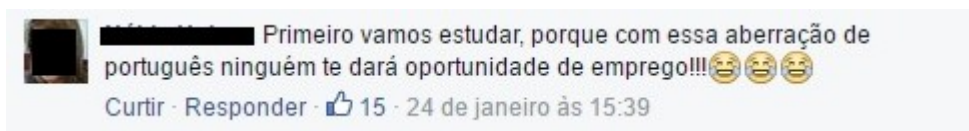


Figura 14 - Captura de tela 6

Os outros comentários (Figura 15) acerca do questionamento proposto pela página seguem a linha do primeiro, o de sugerir profissões. O que foi possível perceber é que grande parte dos usuários tende a sugerir trabalhos considerados desmoralizantes perante a sociedade ou, então, a fazer chacota desprestigiando aqueles que, em teoria, deveriam ser ocupados por pessoas com alto grau de escolaridade, conforme já foi discutido.

Os elementos linguísticos que demonstram filiação a um Discurso preconceituoso são o uso de expressões como “aberração de português” (Figura 14) além da menção às diversas sugestões para empregos que dependem de pessoas com qualificação e conhecimento da norma de língua portuguesa, tais como “professor de português” e revisor de texto (Figura 15). Existem também, elementos extralinguísticos que enfatizam o tom irônico, agregando mais sentido ao Discurso, como o uso de risadas e *emoticons* de gargalhadas. É notório como o uso desse tipo de *emoticon* ressalta ainda mais o tom de deboche, pois a faceta deste está

“chorando de tanto rir”, isto é, a condição linguística do outro é de chorar de rir.



Figura 15 - Captura de tela 7

Dentre as profissões citadas pelos usuários, “professor de português” se repete inúmeras vezes. É perceptível como o “erro” não é tolerado por parte dos usuários, principalmente o equívoco cometido por quem exerce esse tipo de profissão. A ironia dos comentários se dá justamente nesta falta de domínio por parte do usuário que teve o *print* exposto, pois para exercer tal profissão, espera-se que o sujeito tenha um nível elevado de domínio da norma gramatical. É curioso notar que uma das profissões, que em teoria deveria ser ocupada por autoridades no assunto, é desprestigiada por grande parte dos usuários da página, os quais provavelmente não possuem conhecimento linguístico prévio sobre os fenômenos da língua.

Espera-se que um profissional graduado em Letras tenha estudado a base das diversas teorias linguísticas. Muitos professores que estão atuando atualmente vinculam-se a

um Discurso que busca desenvolver o letramento por um viés funcional e cognitivo, filiando-se também a teorias sociolinguísticas, respeitando variações e não impondo uma única forma de utilizar a língua como verdadeira. Esse tipo de posicionamento pode ser mal interpretado por parte da população que, ignorante acerca do assunto, tende a se filiar a um Discurso hegemônico imposto por instituições de poder.

Dos compartilhamentos analisados, apenas 2 (Figura 16) possuíam texto acompanhando a publicação, o restante replicava o conteúdo da página legitimando, assim, o Discurso da publicação.



Figura 16 - Captura de tela 8

É possível perceber o quão forte é o Discurso purista na fala do usuário que compartilhou a publicação na data de 24 de janeiro. Este usuário faz deboche com a falta de uso da gramática normativa no discurso proferido na publicação, evocando um tradutor, como se a mensagem escrita não fosse em português. Ele classifica o desvio gramatical como desleixo, ignorando completamente a possibilidade de ser falta de conhecimento sobre a

norma ou outro fator.

O autor do compartilhamento da publicação no dia 25 de janeiro sugere que o sujeito emissor do discurso do *print* frequente a escola antes de procurar um emprego. Apesar de este usuário não se utilizar de uma variação culta da língua (e sim do internetês), o mesmo posiciona-se acima do usuário do *print*, pois distancia-se do mesmo ao referir-se a ele de forma desprestigiada, indicando-lhe a escola.

Como foi possível perceber através da análise e exemplos apresentados, o comportamento social foi praticamente dirigido pela administradora da página, visto que a maioria das interações fizeram referência à questão proposta pela página.

5.3. PUBLICAÇÃO 3

Data da postagem: 11/02/16	Data da coleta: 12/02/16	Hora da Coleta: 21h42
Curtidas: 959		
Comentários: 67		
Compartilhamentos: 141		
Link da Postagem: https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/pb.312906072120899.-2207520000.1458624257.978789465532553/		
		
<p>Figura 17- Postagem 3</p>		

Na postagem que estrutura-se a partir de uma captura de tela de um usuário do Facebook, que teve seu nome e foto omitidos, é possível saber que o *print* é do Facebook devido aos botões de curtir, comentar e compartilhar que aparecem logo abaixo da frase: “Desde que o sexo se tornou fasail o amor ficou difissil...” que está em fonte preta sobre fundo branco sem serifa. Tal captura de tela vem acompanhada do seguinte texto na publicação da página: “É vdd msm -Mara”. Novamente ressalto a importância da assinatura “-

Mara”, maneira de identificar qual moderador da página fez a publicação e característica constante na página.

A página replica o *print* legitimando, através do texto/discurso que compõe a publicação, o Discurso por trás do enunciado principal. O texto 'É vdd msm' (É verdade mesmo), apesar de legitimar o Discurso (de que desde que o sexo se tornou fácil o amor ficou difícil), promove uma chacota na maneira como o discurso foi elaborado (no fato linguístico em si), pois a partir do momento em que o plano enunciativo passa para a página, muda a maneira de gerar sentido, pois já é sabido por parte dos usuários que interagem com a página o tom irônico e humorístico que as publicações apresentam, portanto, apesar de ser uma publicação legitimadora, não deixa de ser também depreciadora.

O Discurso circundante atualmente acerca das relações pessoais vai muito ao encontro do que um dos principais filósofos da contemporaneidade, Zygmunt Bauman (2003) apresenta no conceito de modernidade líquida. Para o autor, as relações sociais são efêmeras, dissolvendo-se num piscar de olhos:

[...] a definição romântica de amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extrairá seu vigor e sua valorização.[...]Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões do amor, esses padrões foram baixados. Como resultado, o conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de “fazer amor”. (BAUMAN, 2003, p.19)

Logo, podemos inferir que, no nível do sentido, o objetivo da publicação não é somente o de fazer chacota com o português alheio, mas também o de legitimar um Discurso comum nas mais diversas esferas sociais. O uso dos termos “fácil/difícil” (fácil/difícil), cria uma antítese que a página se utiliza para legitimar o Discurso sem deixar de utilizar um tom chistoso ao se referir ao discurso.

É possível notar que a publicação original, em seu momento de captura, não obteve

nenhuma curtida. Já quando replicada em outro plano enunciativo (o da página Português da Depressão), obteve, indiretamente, 952 curtidas. Isso demonstra que o acúmulo de legitimação e Capital Social⁴⁴ da página (número de curtidas) é um elemento propagador de Discursos, visto que vários deles circulam pelo Facebook.

Quanto aos compartilhamentos, grande parte dos usuários utiliza a mesma estratégia da página, replica a publicação legitimando o Discurso, sem deixar de adotar um tom chistoso, como demonstra o exemplo a seguir:

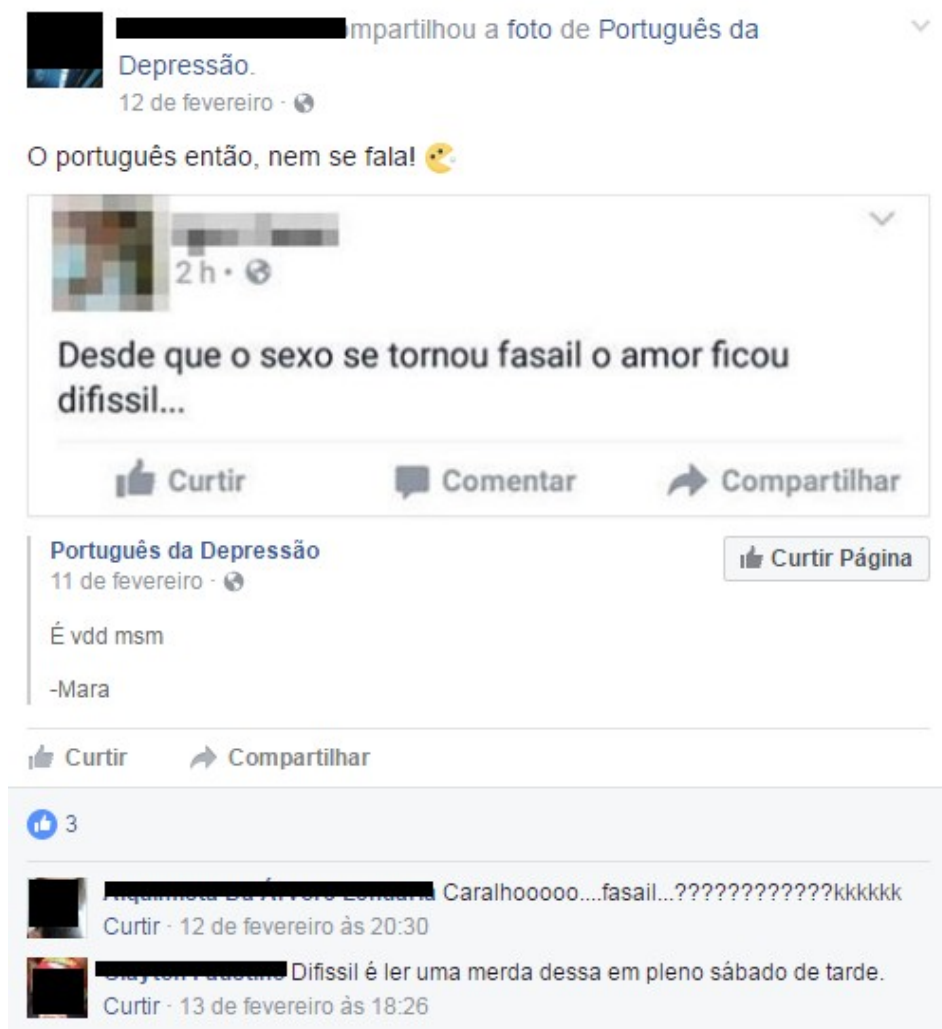


Figura 18 - Captura de tela 9

44 Aqui filio-me ao conceito de James Coleman (1988) que atribui o capital social não aos indivíduos ou sujeitos, e sim as suas estruturas de relações, ou seja foca-se mais nas associações voluntárias que geram uma estrutura de confiança e reciprocidade.

O exemplo anterior demonstra uma interatividade gerada a partir do compartilhamento feito por um usuário. Esse usuário legitima e reforça o Discurso da página a partir do momento em que compartilha essa publicação em sua página pessoal. O uso da frase “O português então, nem se fala”, acompanhado de um *emoticon*, dá margem interpretativa para o tom chistoso da publicação, pois se o amor está difícil, o português está mais ainda. Os comentários feitos a partir deste compartilhamento, legitimam e reforçam ainda mais o preconceito exteriorizado pela publicação, como se fosse uma ofensa ler esse tipo de publicação.

Quanto aos comentários, no que diz respeito à interação, grande parte viabiliza o Discurso e se foca no discurso veiculado na publicação, inclusive fazendo uma apropriação do mesmo para fazer críticas e filiar-se a outro Discurso, o do purismo na língua portuguesa. O comentário mais curtido (Figura 19) faz uma analogia entre língua, amor e sexo de uma maneira pejorativa.

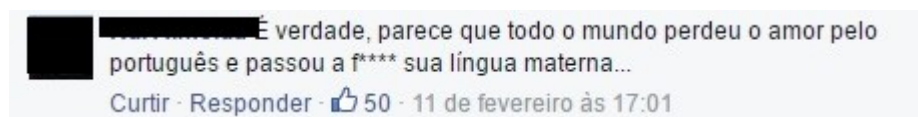


Figura 19 - Captura de tela 10

Ao observar o comentário, é perceptível que o próprio autor censurou uma palavra, provavelmente por seu uso ser considerado chulo ou inapropriado por ele mesmo. Apesar disso, é possível inferir qual a palavra censurada pelo autor, pois o mesmo dá dicas quanto à constituição da mesma, deixando a primeira letra visível “f” e os asteriscos em número a formar o resto da palavra. Sendo assim é possível crer que se trata de um verbo amplamente utilizado na língua portuguesa em sua forma falada e coloquial, que possui duplo sentido, sendo o primeiro de cunho sexual (copulação) e o segundo de cunho depreciativo (de fazer

mal, causar mal). Esse comentário demonstra muito o comportamento social e o sentido gerado a partir da materialidade da língua (discurso) e do Discurso veiculado pela publicação, pois o duplo sentido do verbo censurado causa esse efeito polissêmico (como no enunciado principal da publicação) gerando o tom humorístico do comentário.

Grande parte dos comentários (Figura 20) segue a linha argumentativa da publicação e do comentário principal. No entanto, alguns parecem não dar importância ao fato do enunciado/discurso conter desvios gramaticais e legitimam somente o Discurso (Figura 21).

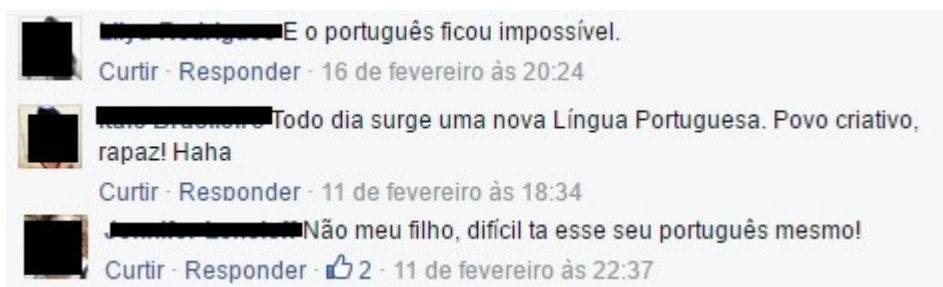


Figura 20: Captura de tela 11



Figura 21 - Captura de tela 12

Foi possível observar que a maior parte dos usuários que interagiu na publicação está filiado a um Discurso que se encaixa na quarta dimensão linguístico-ideológica proposta por Moita Lopes (2013). É aquela que diz respeito à mediação entre as estruturas sociais e a linguagem em uso. Nessa publicação foi possível perceber a mediação que ocorre entre as indexicalizações linguísticas discursivas e as experiências socioculturais dos usuários. (MOITA LOPES, 2013).

Assim, é perceptível nesta postagem que não somente o comportamento social foi

direcionado pela moderação da página como também os sentidos extraídos do enunciado principal da publicação. A maior parte dos usuários seguiu a linha Discursiva da página, legitimando o Discurso do *print* ao mesmo tempo que fazia chacota com o discurso.

5.4. PUBLICAÇÃO 4

Data da postagem: 09/03/16	Data da coleta: 09/03/16	Hora da Coleta: 22h25
Reações: Total – 9611, Curtidas - 9266, Amei - 82, Haha - 258, Uau - 4, Triste - 1, Grr – 0		
Comentários: 222		
Compartilhamentos: 3.018		
https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/pb.312906072120899.-2207520000.1462648479./995601600518006/?type=3&size=480%2C373&fbid=995601600518006		
 <p>The screenshot shows a Facebook post from the page 'Português da Depressão', posted 14 hours ago. The main text of the post is 'Nois sabe de alguma coisa, pelo menos. ~Cruela'. Below this is a quote from the user '@ninguemligabr' with a profile picture of a woman with red hair. The quote reads: 'nois nao é aquelas pessoa q nossa q linda chega vira o pescoço quando passa mas nois sabe a diferença entre mas e mais e isso ja basta'. The post was made on Feb 16 at 10:53 AM in Ouro Verde, Brazil. At the bottom of the screenshot, it shows 9567 reactions (likes, loves, and hearts) and 3048 shares.</p>		
Figura 22 - Postagem 4		

A postagem é estruturada a partir de um recorte de uma captura de tela de uma publicação do usuário do Twitter @ninguemligabr. O nome do usuário vem acompanhado de um avatar contendo um desenho de uma pessoa branca com cabelo marrom na altura dos

ombros, não sendo possível a identificação do gênero da mesma. Utiliza-se de uma fonte tradicional com serifa, preta no fundo branco e logo abaixo as informações da publicação original fornecida pelo Twitter. Esta captura demonstra também a multimodalidade existente entre as redes desde o *post* que deu origem até as replicações dele, expondo as possibilidades de interação e particularidades de cada rede.

A página “Português da Depressão” replica a postagem de outro usuário do Twitter acompanhada da seguinte sentença “Nois sabe de alguma coisa, pelo menos.”, ao analisarmos este enunciado, podemos perceber (no nível do sentido) como a página reforça o Discurso contido no *print* da postagem original. O uso da expressão “pelo menos” parece indicar que o mínimo para ser aceito em um determinado círculo social é saber a diferença no uso de “mais” e “mas”. Assim parece criar uma espécie de fronteira simbólica que estabelece uma divisão qualitativa, logo, um distanciamento, de um lado temos os que sabem diferenciar o uso dessas expressões e de outro, os que não sabem criando, assim, uma hierarquização. Isto quer dizer que existe uma avaliação social que se utiliza da gramática normativa como parâmetro para o que deve ser linguisticamente aceito ou não. Utilizando-se desse parâmetro, essa postagem é ilustrativa da noção de Discurso estabelecida por GEE (1990), isto é, um conjunto geral de regras que definem o que é considerado normal ou não, construindo um parâmetro ideológico que serve como separação simbólica entre os que dominam e os que não dominam a norma (conforme ilustrado acima). Nesse sentido, o compartilhamento desta postagem inscreve aquele que a compartilha em sua linha do tempo no Discurso que valida a gramática normativa como forma de poder e controle (BAGNO, 2000). Discurso esse que, por sua vez, desqualifica e segrega aquelas variações que não correspondam à norma culta, e por isso são consideradas erros.

Neste *post*, o primeiro sinal de distanciamento e segregação é o uso do termo “nois”

empregado de maneira irônica, pois o 'mais' no lugar de 'mas' não é aceito, mas o uso da expressão 'nois', que também foge ao padrão da norma gramatical, é empregado e reforçado sem problemas, inclusive fazendo parte da construção central da postagem analisada e do sujeito emissor. Isso pode ser relacionado diretamente com a primeira dimensão das ideologias linguísticas (MOITA LOPES, 2013), pois é uma página (um grupo organizado de usuários) que se utiliza da norma para debochar e excluir sociolinguisticamente aqueles indivíduos que não dominam a língua dita como legítima. O uso bem aplicado das pontuações serve para indicar que o enunciador possui domínio da norma, reforçando o caráter proposital do problema de grafia na palavra “nós”.

É importante salientar que o *post* contém uma assinatura de autoria, neste caso, o codinome utilizado é “~Cruela”. Este nome faz referência a uma personagem vilã da Disney, da história 101 Dálmatas, e talvez anuncie de alguma maneira o tipo de conteúdo que o usuário pode vir a publicar.

Centrando agora no enunciado da imagem principal replicada pela página em sua postagem, é perceptível que o enunciado em destaque contém características do internetês, cuja principal influência é a escrita falada (HILGERT, 2000). Isso é explicitado através da ausência de pontuação, acentuação, letras maiúsculas e uso de abreviações. Um dos motivos do uso de abreviações é a necessidade de se adequar ao site utilizado para escrever a mensagem, neste caso, o Twitter, que limita o usuário ao uso de 140 caracteres⁴⁵. Este aspecto da linguagem é um fato que é reforçado entre algumas interações e comentários de outros usuários, o que será abordado mais adiante.

O Discurso replicado pelo *post* faz referência a um certo padrão que deve ser seguido para ser considerado belo, não somente atributos físicos, pois isso é colocado em

45 Devido à limitação, o site demonstrou uma preocupação quanto aos caracteres disponíveis para um *tweet*, deixando de contar caracteres de links e nomes de usuários a partir de setembro de 2016.

xeque quando o emissor diz que saber a diferença entre “mas” e “mais” basta. Podemos concluir, portanto, que esta postagem é de cunho pejorativo e faz distinção de valor entre grupos de pessoas, deixando à margem quem não possui pleno domínio da variação considerada aceita. Nesse sentido, infere-se que beleza sozinha não possui nenhum valor, que entre ser “bonito” ou “inteligente”, é preferível o segundo pois a vaidade intelectual é colocada acima da vaidade física.

Quanto à interação e comportamento social, é possível perceber claramente a multimodalidade das redes sociais na internet, visto que a postagem original saiu do Twitter e está sendo reproduzida por outro usuário no Facebook demonstrando, assim, a natureza da geração de sentido nesta publicação. Dito isso, os diversos comentários acerca da postagem e a interação entre eles demonstra como a rede funciona e se constrói, criando um diálogo sobre o tema principal da publicação.

O comentário mais curtido (Figura 23) faz menção ao quesito “beleza”, que é abordado na publicação, demonstrando a importância do aspecto físico da pessoa. Além disso, faz referência ao bom uso e diferenciação gramatical no uso das expressões mais/mas. Esse comentário obteve 154 curtidas, e, além de reforçar estereótipos como o que sugere a publicação original, também reforça a ideia de Recuero (2010), que nos diz que um número expressivo de curtidas é uma forma de legitimação do que foi dito. Existem, também, 13 respostas para o comentário, dentre elas uma da própria página, demonstrando de maneira clara as interações entre os usuários e a página.

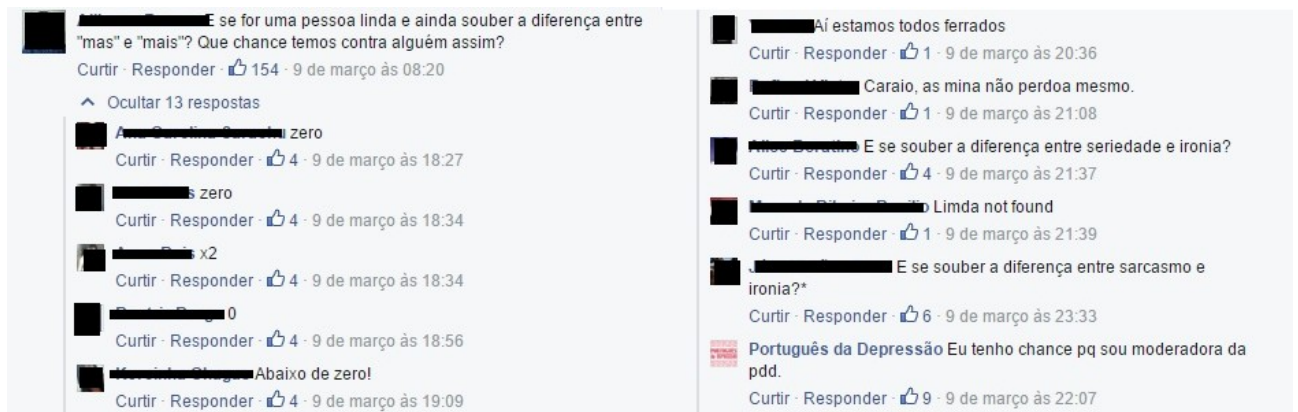


Figura 23 - Captura de tela 13

Alguns comentários, como o do exemplo que segue (Figura 24), fazem referência à linguagem utilizada no *post* original, visto que o mesmo critica um “erro” de português e, no entanto comete outros. É importante notar que mesmo com as críticas, muitos usuários justificam o uso desse tipo de linguagem com base nas características do site utilizado para proferir a mensagem.

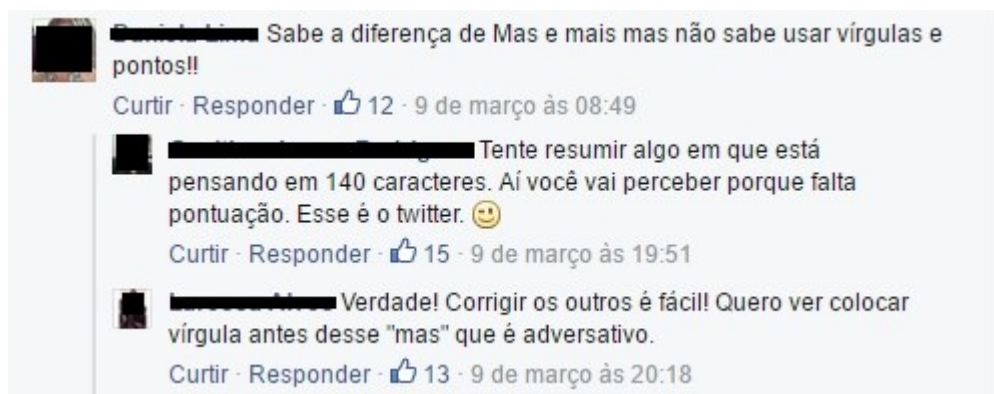


Figura 24 - Captura de tela 14

O segundo comentário mais curtido diz respeito justamente ao fato do Twitter ser utilizado para publicação original. Conforme abordamos anteriormente, o Twitter limita uma publicação a 140 caracteres, e isso é reforçado por diversos usuários, ao mesmo tempo em que é contestado por outros, como no exemplo a seguir:

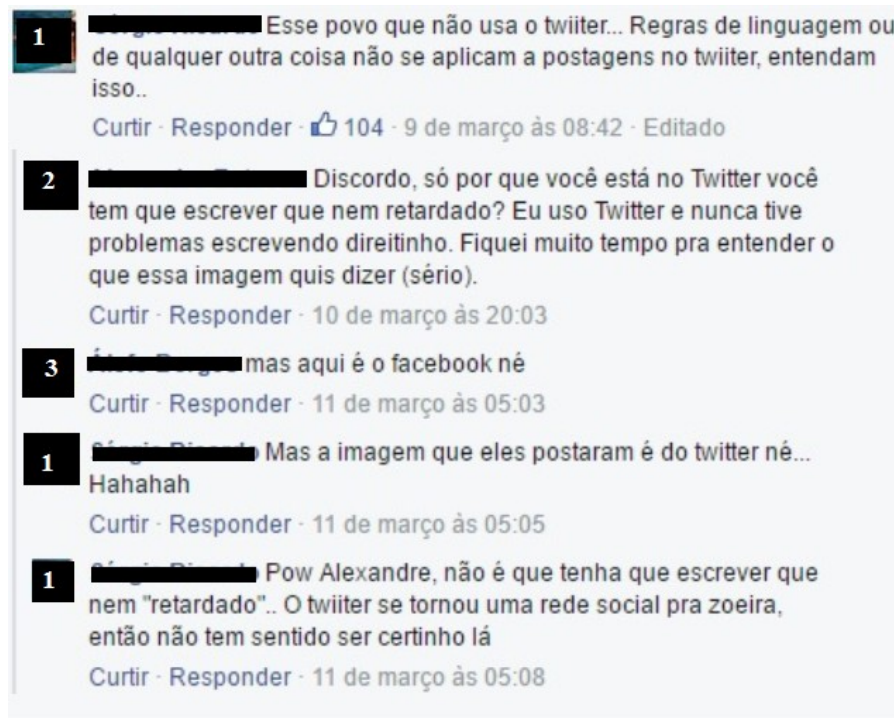


Figura 25 - Captura de tela 15

O usuário (1) argumenta que as regras tradicionais de linguagem não se aplicam ao Twitter, no entanto ele é confrontado por outro usuário (2) que lhe responde. Este usuário (2) que responde o comentário principal deixa indícios de que se filia a um Discurso cuja associação é da gramática normativa com juízo de valor simbólico (quem utiliza a gramática de acordo com a norma é melhor do que quem não utiliza), pois o fato do Twitter ser limitador de caracteres não justifica a escrita. Ademais, ele utiliza a norma de uma maneira pejorativa, como um parâmetro para definir doença mental, visto que, para este usuário, quem não escreve conforme a norma é “retardado”.

Alguns usuários ressaltam o tom jocoso da publicação (Figura 26), afirmando que os erros de português, neste caso, são intencionais e fazem parte do humor da publicação. Cabe aqui perguntar: quem errou? O autor da publicação original ou quem fez a leitura equivocada da postagem, que não teve a percepção de que o “erro” pode ter sido proposital?

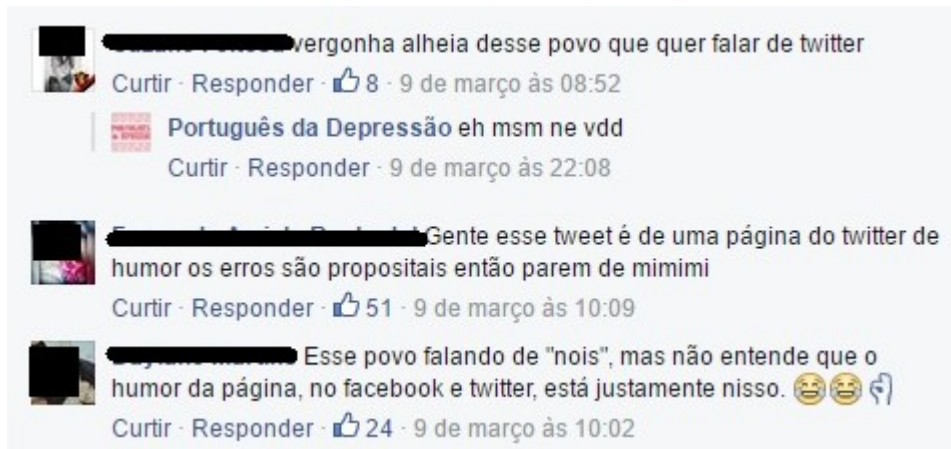


Figura 26 - Captura de tela 16

Outro fator importante de ser ressaltado são os compartilhamentos, que dizem muito sobre os usuários que replicam a postagem em sua linha do tempo. A maioria dos compartilhamentos visa a legitimação da publicação original, não contendo qualquer texto. Os poucos compartilhamentos que possuem texto são legitimadores da publicação. Muitos possuem apenas risadas como 'kkkk', 'hahahaha', alguns fazem alusão a outros erros comuns cometidos por usuários da língua e outros reproduzem parte do texto da publicação original como demonstram os exemplos a seguir:

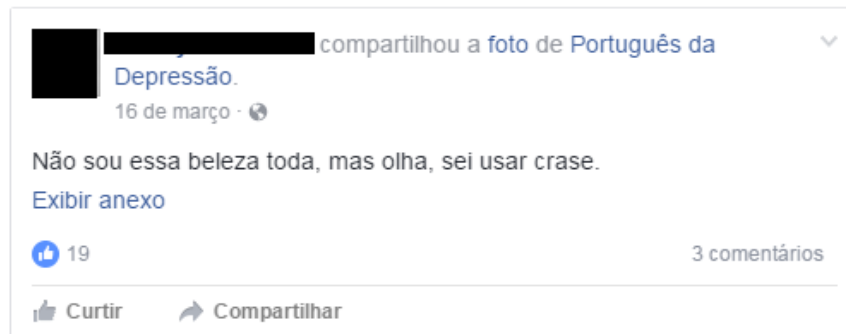


Figura 27 - Captura de tela 17



Figura 28 - Captura de tela 18

Observando os padrões de compartilhamento, é possível inferir que grande parte dos usuários está preso ao que Moita Lopes (2013) define como a quarta dimensão linguístico-ideológico. Essa dimensão diz respeito entre a mediação das estruturas sociais e as práticas de linguagem. Faz menção também as performances identitárias e às práticas Discursivas, visto que, para 3.018 usuários, é de extrema relevância compartilhar em sua própria linha do tempo a postagem. Assim sendo, o usuário que compartilha, está fazendo que esta publicação em sua linha do tempo agregue à sua personalidade.

5.5. PUBLICAÇÃO 5

Data da postagem: 10/03/16	Data da coleta: 11/03/16	Hora da Coleta: 17h08
Reações: Total – 14.109 (Curtidas-13.504, Amei 498 , Haha 84, Uau 12, Triste 9, Grr - 2)		
Comentários: 590		
Compartilhamentos: 10.047		
https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/pb.312906072120899.-2207520000.1458761181./996828093728690		

Português da Depressão com Rick Luz.

10 de março às 23:00 · 🌐

👍 Curtir Página ▾

Concerteza machucam muito.

~Cruela

👍 Curtir

💬 Comentar

➦ Compartilhar

👍 😄 🍷 14 mil

Principais comentários ▾

10.047 compartilhamentos

590 comentários

Figura 29 - Postagem 5

A publicação replica um meme de outra página de humor famosa no Facebook cujo título é “olha só kiridinha”⁴⁶. O meme se estrutura a partir de uma imagem em preto e branco da atriz Audrey Hepburn, famosa pelo filme de Truman Capote em 1961 “Bonequinha de Luxo”⁴⁷. A atriz está vestida de preto em um fundo de mesma cor. Ela se encontra de costas para o observador, com as mãos levantadas na altura da cabeça e com o rosto voltado para trás, olhando diretamente para a lente que a fotografou. O semblante da atriz sugere uma expressão provocante ou intimidadora. A imagem traz consigo dois enunciados em caixa alta com letras brancas e contorno preto sem serifa, característica comum em memes na internet. O primeiro no topo da figura traz a seguinte sentença: “palavras podem machucar”, e o segundo “principalmente 'concereteza' e 'com migo”.

O uso das aspas nas palavras com grafia fora da norma demonstra um distanciamento por parte do locutor, pois é sabido que dentre as diversas funções gramaticais exercidas pelo uso de aspas, uma delas é dar um tom irônico ou sarcástico a uma certa palavra ou expressão.

A imagem de uma atriz famosa e amplamente admirada por se enquadrar em um padrão de beleza aceito pela conjuntura social atual é ligado ao Discurso veiculado pelos enunciados a medida em que a relação entre beleza/falar bem é feita. Essa relação já foi demonstrada em uma das publicações analisadas anteriormente e parece ser recorrente em termos Discursivos. A sentença “palavras podem machucar” é legitimada dentro de um contexto gramatical pela própria página, pois a mensagem “Concereteza machucam muito ~Cruela” reforça o Discurso do purismo linguístico, apropriando-se do “erro” para fazer chacota com os sujeitos que não dominam a norma considerada culta.

A sentença “principalmente 'com migo' e 'concereteza””, reforça a chacota por um

46 <https://www.facebook.com/OlhaKiridinha> (acesso em 17/12/2016)

47 Título original: Breakfast at Tiffany's (1961)

desvio que é bastante comum entre a população brasileira. A confusão no uso do pronome comigo é tão comum que existem diversos números nas pesquisas no site Google para pergunta “com migo ou comigo?”. Acredita-se que a confusão se dá a partir do uso da preposição 'com' e a partícula '-co'. O mesmo também ocorre com a expressão “com certeza”. Além disso, o tom humorístico é reforçado pela quebra de expectativa da expressão “palavras que machucam”.

Não existe uma teoria correta sobre o porquê de ocorrer esse tipo de equívoco, mas Bagno (2000) desconstrói a falácia do português que deve ser falado conforme ele é escrito. Sabemos que a língua portuguesa possui inúmeras variantes, portanto não existe como falar igual tal se escreve. No entanto, quando não sabemos escrever uma palavra, automaticamente tentamos reproduzi-la na forma escrita conforme nossa fala.

Ela [a escrita] não é a fala: é uma tentativa de representação gráfica, pictórica e convencional da língua falada. [...] Quando digo que a escrita é uma tentativa de representação é porque sabemos que não existe nenhuma ortografia em nenhuma língua do mundo que consiga reproduzir a fala com fidelidade. (BAGNO, 2000, p. 53)

Portanto, se um falante nativo brasileiro que utiliza o pronome 'comigo' e por algum motivo faz uma epêntese, deixando a nasal /m/ mais longa como em /konmigu/, pode vir a entender como duas palavras separadas /kom/ e /migu/ escrevendo assim o pronome como duas palavras separadas. É possível, também, que a fonética da expressão “com certeza”, que pode ser proferida como uma única palavra /koNsertezɐ/, possa vir a influenciar a grafia dessa expressão também.

Quanto ao nível da interação e do comportamento social, é possível observar o enorme número de ações junto à publicação, não somente as reações como também comentários e compartilhamentos. O botão mais utilizado pelos usuários que reagiram à

postagem foi o 'curtir', o que fortalece a hipótese de que é mais “prático” (ou acessível) curtir uma postagem do que reagir com outro sentimento à mesma. É importante salientar que mesmo que exista uma enorme diferença entre o número de usuários que reagiram com o Curtir perante as demais reações, estas que demonstram uma outra leitura da forma de legitimação da postagem, pois conforme abordamos no Capítulo sobre os botões do Facebook, 'amar' uma postagem demonstra maior envolvimento que 'curtir'.

Os comentários, em sua maioria, tendem a legitimar o Discurso contido na publicação, o de que o uso da língua fora da norma é uma agressão. O comentário mais legitimado (Figura 30), obteve 27 curtidas reforçando o fato de que é dotado de mais capital simbólico aquele sujeito que sabe escrever corretamente do que aquele que é (apenas) bonito. Ou seja, ser belo exclui saber usar a língua corretamente e vice-versa.

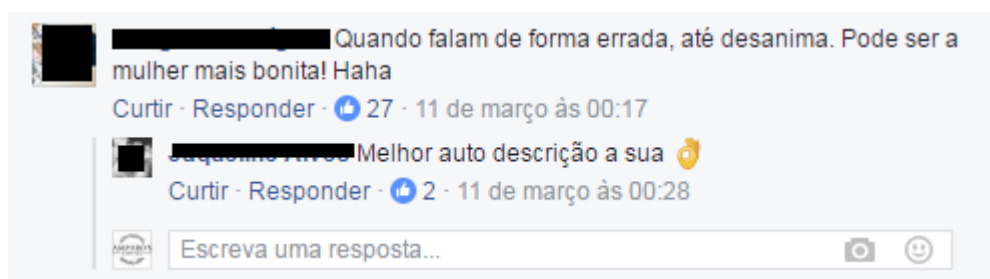


Figura 30 - Captura de tela 19

Os demais comentários, como demonstra o exemplo a seguir (Figura 31), tendem a legitimar o Discurso da publicação fazendo piadas e chacota. É possível perceber o preconceito existente contra aquelas pessoas que não tiveram acesso ao ensino formal, como demonstra o último comentário do exemplo, na Figura 31.

Bagno (2000) nos alerta que um dos principais problemas que geram o preconceito linguístico é o fato de no Brasil existir uma enorme falha na distribuição de renda gerando, assim, enormes diferenças sociais que refletem no acesso ao ensino que, em teoria, deveria ser

para todos. Infelizmente esta não é a realidade no Brasil, o que termina por deixar à margem grande parte da população criando, assim, um abismo linguístico.

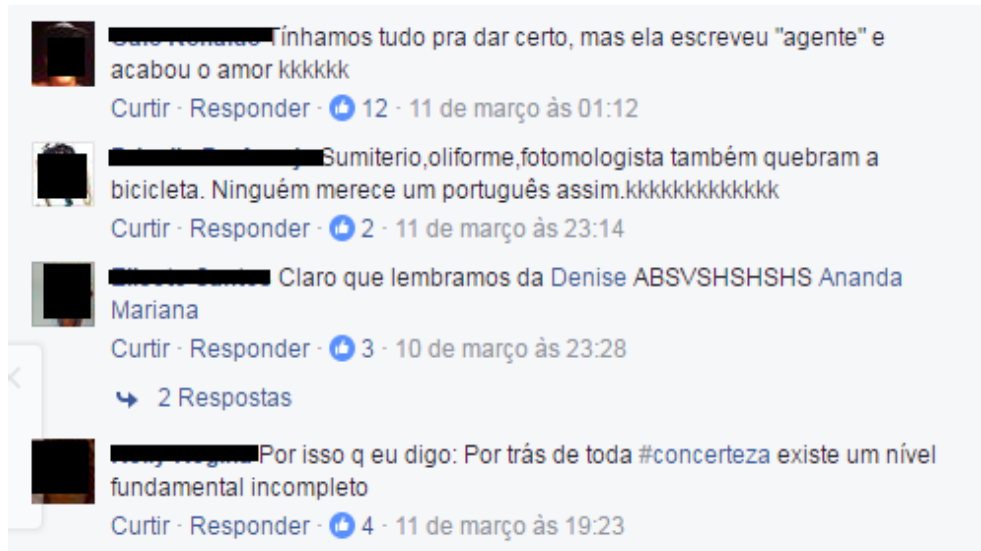


Figura 31 - Captura de tela 20

É importante ressaltar que um usuário fez questão de lembrar da visão linguística (Figura 32), o que é curioso, visto que o usuário se posiciona de maneira contrária ao Discurso defendido pela página, a qual parece desconsiderar completamente a questão linguística e se ater somente a críticas e julgamentos daqueles que fogem à norma.

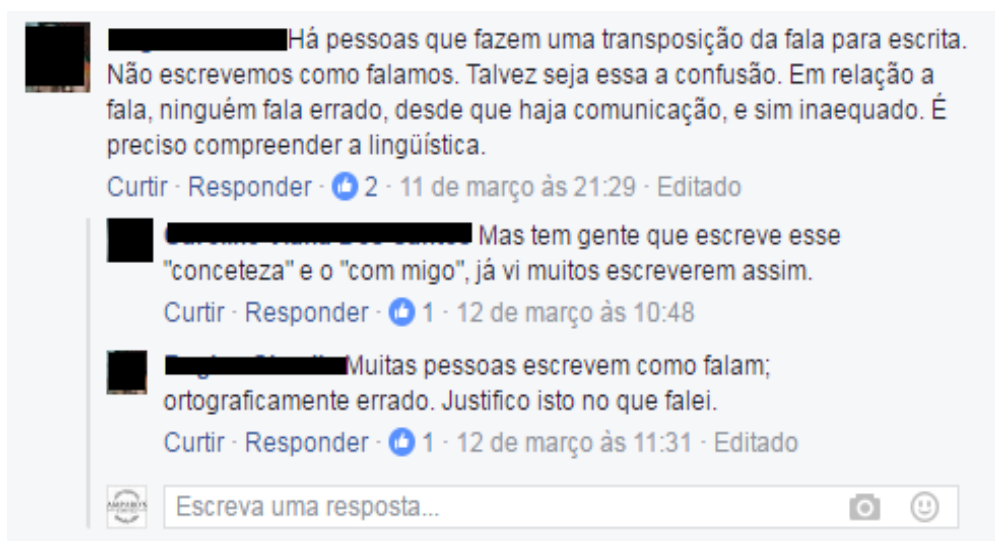


Figura 32 - Captura de tela 21

Como abordado anteriormente, os compartilhamentos de postagens demonstram muito sobre o comportamento social, pois é um tipo de envolvimento maior que o usuário possui com a publicação. Através da observação de compartilhamentos foi constatado que a maioria de usuários somente replicava a publicação, o que demonstra uma concordância com o que foi postado. Nos compartilhamentos que eram acompanhados de algum texto, foi observado que a maioria somente replicava piadas ou então reproduzia risadas. No entanto, foi possível observar a grafia de palavras de maneira incorreta, além do uso do *emoticon* do macaquinho com a mão no rosto (apropriado pelo usuário a fim de gerar o sentido de vergonha), o que nos leva a crer que foram escritas assim propositalmente a fim de acentuar o tom jocoso da publicação, reforçando mais ainda o Discurso preconceituoso, conforme demonstram os exemplos abaixo (Figura 33).



Figura 33 - Captura de tela 22

5.6. PUBLICAÇÃO 6


Data da postagem: 28/03/16	Data da coleta: 29/03/16	Hora da Coleta: 22h32
Reações: 1,2mil (Curtidas – 1,1mil , Amei- 1, Haha - 79, Triste -29, Uau - 14 , Grr- 0)		
Comentários: 110		
Compartilhamentos: 215		
Link: https://www.facebook.com/PortuguesDaDepressao/photos/pb.312906072120899.-2207520000.1459968116./1011367432274756/?type=3&size=720%2C365&fbid=1011367432274756		
		

Figura 34 - Postagem 6

A publicação estrutura-se a partir de uma captura de tela feita de uma publicação de um usuário do Facebook cuja foto de perfil foi omitida e vem acompanhada da seguinte sentença: “Adeus, mundo! -Mara”. Assim como nas publicações analisadas anteriormente,

podemos perceber a origem da publicação capturada devido às características específicas do Facebook.

A publicação que originou o *print* foi de um usuário que utilizou o recurso “sentimento”, contido na ferramenta de publicação do site, para expressar um elemento extralinguístico, que não seria possível observar na CMD. Graças ao uso dessa ferramenta, é possível fazer uma interpretação mais abrangente do texto que é publicado. O enunciado “o watts mim trouxe muita felicidade ao te conhecer i muita tristeza ao te perder por isso desidi dezativalo”, é claramente uma mensagem que faz alusão a uma desilusão afetiva em uma relação pessoal. A publicação obteve apenas 11 curtidas. No entanto, quando colocada no contexto da página “Português da Depressão”, passa a ter 1,1 mil curtidas, gerando um total de 1,2 mil interações, o que demonstra a relevância da página para um grupo de usuários do Facebook.

O Whatsapp⁴⁸ é um aplicativo de mensagens instantâneas projetado para *smartphones* com sistema operacional Windows, Android e Ios. A popularidade do aplicativo fez com que outras ferramentas de mensagens curtas fossem sendo deixadas de lado, como por exemplo o SMS⁴⁹ (*Short Message Service*).

No *print* da postagem podemos perceber o Whatsapp como principal meio através do qual se deu a desilusão afetiva, pois o sujeito vai de feliz à triste, provavelmente pelo uso do aplicativo na conversa com outra pessoa, e depois devido a alguma decepção (motivada pela conversa e no aplicativo), decide desativar o serviço. O elemento principal que leva a essa interpretação é o uso da ferramenta de sentimento.

A frase que acompanha o *print* da publicação faz menção a uma expressão utilizada quando um ser humano não quer mais viver. A expressão “Adeus mundo”, pode até ser

48 <https://www.whatsapp.com> (acesso em 03/11/2016)

49 https://pt.wikipedia.org/wiki/Servi%C3%A7o_de_mensagens_curtas (acesso em 03/11/2016)

interpretada de uma forma que o sujeito que a que profere quer sair do planeta, no entanto isso não é fisicamente possível, a não ser para astronautas. Portanto proferir tal frase expressa uma intenção de quem emitiu para o mundo. Acredito que neste contexto possa ser interpretado de duas formas:

- a) Adeus mundo, não quero mais viver nele pois estou desiludido.
- b) Adeus mundo, não quero viver num mundo com pessoas que escrevem assim.

A ambiguidade neste caso parece fazer parte do tom irônico e sarcástico da publicação, pois a frase acaba se filiando a dois Discursos distintos, conforme exemplificamos acima.

As reações à publicação foram em sua maioria curtidas. No entanto o *post* obteve um número expressivo de cliques no botão 'Haha', ou seja, o usuário que reagiu dessa forma está rindo da situação do usuário exposto no *print*, seja pelo viés linguístico ou pelo viés emocional. É uma forma diferenciada de legitimação. As 29 reações à “tristeza”, também podem ser interpretadas de duas formas, como tristeza pela situação em que o sujeito se encontra ou pela maneira pela qual ele escreve.

As reações de 'Uau!' Apesar de serem poucas, apenas 14, podem significar espanto ou surpresa. Devido ao contexto no qual o *print* é exposto, provavelmente sejam uma reação à forma em que foi escrito o discurso da publicação. A reação 'Amei' obteve apenas um clique, e a 'Grr' nenhum deixando, assim, poucos dados para dar margem a uma interpretação mais aprofundada.

Quanto aos comentários, o mais curtido foi o de um usuário cuja foto de perfil é um desenho de uma silhueta, a mesma que aparece quando não se escolhe nenhuma foto para representar um perfil no Facebook (Figura 35), com o seguinte dizer: “O PT roubou minha foto”.



Figura 35 – Imagem de Perfil

O comentário (Figura 36) sugere que a culpa do problema não foi do aplicativo, deixando subentendido que, neste caso, seria a linguagem utilizada pelo sujeito, filiando-se assim a um Discurso de cunho preconceituoso. Isto fica claro na sentença em que é sugerido ao usuário que ele feche o Whatsapp e abra um livro, como se a única fonte de conhecimento da norma fossem os livros, pois, normalmente, eles estão escritos na norma culta, ao passo que na rede a linguagem utilizada é coloquial. Claramente esta é uma visão conservadora e ultrapassada, pois a internet está cada dia mais revolucionando as formas de aprendizado de modo que a gramática normativa termina por perder espaço neste ambiente devido às características que ele possui. É curioso notar também, que o autor do comentário também comete desvios ao padrão culto da língua quando mistura as pessoas verbais em “feche” (você) e “abra” (tu) na mesma construção (Figura 36), o que demonstra que os “inquisidores do bom português” não gozam de toda autoridade a qual se arrogam.



Figura 36 - Captura de tela 23

O comentário foi legitimado por outros 47 usuários, e gerou uma conversa. A imagem de perfil do usuário foi enaltecida por outros que responderam a este comentário (Figura 35). O avatar faz referência ao cenário político vivido pelo país na época da publicação.

Devido a investigações comandadas pela Polícia Federal Brasileira, vieram à tona vários esquemas de corrupção e desvio de dinheiro público, nos quais os mais diversos grupos políticos do país estavam envolvidos. Desde o deflagramento da fase ostensiva em 17 de março de 2014 da operação Lava Jato⁵⁰, começou uma forte campanha contra o governo

⁵⁰ https://pt.wikipedia.org/wiki/Opera%C3%A7%C3%A3o_Lava_Jato (acesso em 03/11/2016)

federal comandando pela então Presidenta, que foi reeleita no mesmo ano, Dilma Rousseff, do PT (Partido dos Trabalhadores). A publicação foi feita pela página em março de 2016, período em que inúmeros protestos⁵¹ ocorriam no país pedindo o afastamento da presidenta. Portanto podemos, assim inferir, a posição política do usuário que fez o comentário e daqueles que enaltecem tal imagem demonstrando, assim, o comportamento social gerado a partir desses comentários.

Apesar de ser legitimado por grande parte do público que frequentou a publicação, este usuário foi criticado por outro (4), que argumenta que ele, também, não se utiliza da norma culta para escrever seu comentário. O usuário do comentário principal (1) rebate alegando que o contexto online permite esse tipo de desvio, pois, em teoria, a linguagem utilizada na internet é o 'internetês'. O que não fica claro aqui é o porquê um se julga superior ao outro, pois ambos estão no contexto online. Por que um erro é pior que outro? Por que um é proposital e outro não? Esses questionamentos remetem à quarta dimensão ideológica-linguística (MOITA LOPES, 2013), aquela que trata da consciência que o falante possui acerca das ideologias linguísticas existentes. Pontuado isso, é possível inferir que os usuários diferem contextos enunciativos, fazendo uma avaliação do que pode ou não ser escrito e onde. Assim é possível notar como o comportamento social é moldado entre esses usuários.

Além do segundo comentário mais curtido (Figura 37), muitos outros também seguem a linha do mais legitimado, sugerindo que a decepção não foi causada pelo aplicativo, e sim pelos erros gramaticais.

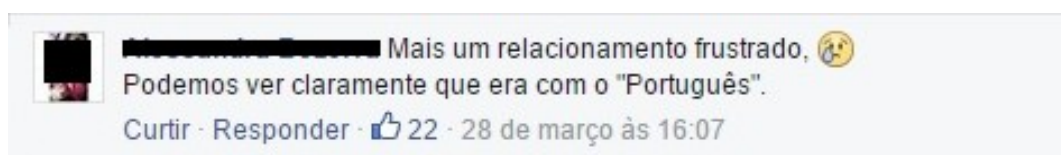


Figura 37 - Captura de tela 24

51 <http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/03/13/brasil-tem-maior-manifestacao-contradilma.htm> (acesso em 03/11/2016)

O comentário acima sugere que o relacionamento frustrado que a pessoa mantinha, não era com outra pessoa e sim com o Português. Esse tipo de comentário reflete o Discurso de que o fracasso do sujeito em relação ao uso da língua é maior que a desilusão afetiva. Nesse sentido, é importante ter um bom desempenho linguístico para ser um bom pretendente, pois, quem não possui domínio da norma culta ou da variante considerada de prestígio não está apto a se relacionar com outras pessoas. Esse Discurso é tão legitimado que existe uma página no Facebook chamada “Desilusão Ortográfico Amorosa, eu sofri”⁵².

Mais de um usuário colocou em dúvida a legitimidade do discurso (materialidade linguística) contido no *print*. Um dos comentários (Figura 38) que coloca a naturalidade da escrita em xeque, gerou um diálogo, no qual outro usuário contra-argumenta baseado em suas próprias vivências.

52 <https://www.facebook.com/Desilus%C3%A3o-Ortogr%C3%A1fico-Amorosa-eu-sofri-211377915576411/> (acesso em 03/11/2016)



Figura 38 - Captura de tela 25

Como é possível observar, o usuário 2 que responde o comentário principal, afirma conhecer uma pessoa que escreve dessa forma. Então surge um terceiro usuário (3) afirmando que quem escreve dessa maneira possui uma linguagem própria, que não adianta tentar entender. Ao final, o usuário 1 afirma que as pessoas criaram um novo dialeto, mas que poderia ter sido uma brincadeira.

Nessa interação, podemos observar os diversos mitos em que as pessoas acreditam acerca da língua utilizada no Brasil. O fato de a pessoa escrever um estrangeirismo de maneira equivocada e confundir letras que representam o mesmo fonema não a torna falante de outro idioma ou apto a criar um dialeto próprio. Apesar do tom humorístico do diálogo, esse tipo de comportamento social que pode ser observado, demonstra a ignorância do público em geral acerca da questão linguística, que apesar de fazer parte de inúmeros livros didáticos e dos PCN⁵³, muitas vezes termina por não ser abordada na escola, cujo sistema de ensino prioriza a gramática normativa, deixando a discussão linguística limitada à Academia.

⁵³ Parametros Curriculares Nacionais

Nos compartilhamentos, foi possível observar que a maioria dos usuários que utilizaram esse recurso novamente somente replicaram o *post*, legitimando o Discurso contido no mesmo. Os poucos compartilhamentos que tiveram texto fizeram menções pejorativas à maneira como o discurso principal do *post* estava escrito. Alguns compartilhamentos possuem apenas risadas acompanhando a publicação, outros fazem piadas de cunho depreciativo, como o do exemplo a seguir (Figura 39), o qual sugere que além do Whatsapp o usuário desative o Facebook.

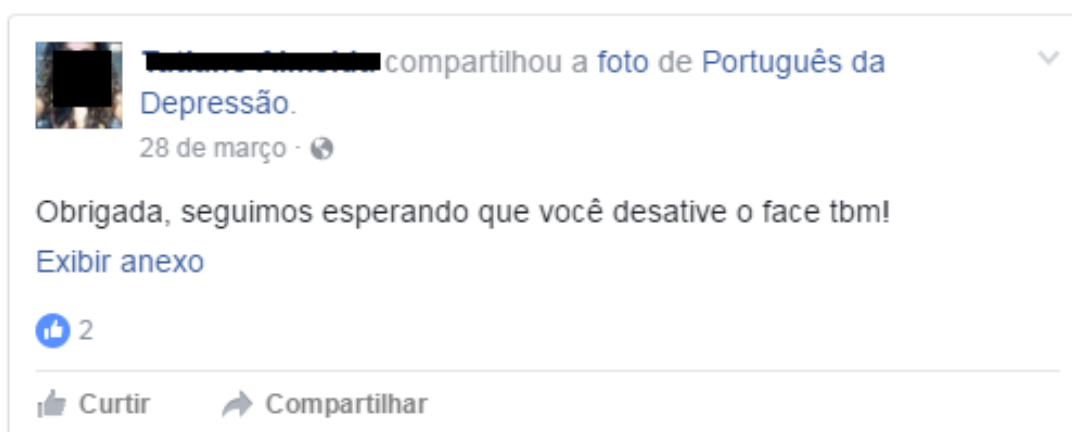


Figura 39 - Captura de tela 26

A sentença proferida por tal usuário leva a crer que o fato de o outro usuário não utilizar uma linguagem considerada adequada para fazer a publicação é um inconveniente, portanto, é melhor ele se retirar do Facebook pois outros usuários não precisam conviver com esse tipo de desvio à norma (como se fosse uma atrocidade).

Podemos perceber que o comportamento social relativo à publicação foi direcionado através da mensagem principal. As diversas interações geradas a partir dela foram norteadas por um Discurso praticamente único, pois a analogia feita entre a culpa de tamanha decepção da pessoa, não era por causa do Whatsapp e sim pela forma como ela escreve. Assim, é possível apontar que a ideia de saber falar/escrever corretamente é um critério de valoração dos indivíduos, isto é, atribui prestígio. Desse modo, no âmbito das relações afetivas, aquele

que manipula a língua de acordo com a norma torna-se melhor que outro.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar as manifestações de preconceito linguístico no site de rede social Facebook. Teve como objetivo analisar seis publicações da página “Português da Depressão”, por meio da CMDA (HERRING, 2004), com amparo no referencial teórico apresentado nos capítulos desta dissertação.

O primeiro Capítulo foi elaborado a fim de caracterizar o ambiente online. Para tal, um breve panorama histórico foi apresentado juntamente com a caracterização da internet como um território-rede (HAESBAERT, 2004). Nesse Capítulo, foi abordado o ambiente online e, mais especificamente, do Facebook (RECUERO, 2010) levantando questões acerca da legitimação de Discursos que circulam no site. Também foram abordados os conflitos sociais gerados a partir das interações feitas pelos usuários dessa ferramenta.

A partir do segundo Capítulo foi utilizado o viés linguístico para caracterizar o internetês. Foi abordado também o conceito de preconceito linguístico através de uma discussão com amparo na sociolinguística (BAGNO, 2000). Este espaço foi reservado para problematizar o chamado erro de português e sua relação com a gramática normativa e o preconceito linguístico. Feitas as considerações acerca dessa modalidade escrita da língua, o terceiro Capítulo foi utilizado para pensar o fenômeno do preconceito linguístico no Facebook através de um viés Discursivo, ancorado no conceito de discurso e Discurso (GEE, 1990) e ideologias linguísticas (MOITA LOPES, 2013; KROSKRITY 2000). Depois de apresentado o referencial teórico, foi feita uma descrição metodológica e apresentada a organização do estudo para ser feitas as análises.

Por meio das análises feitas, foi possível observar diferentes fenômenos que agregam sentido aos Discursos circundantes na rede. O uso de elementos extralinguísticos como *emojicons* e risadas são cruciais para compreender os efeitos de sentidos gerados pelos

discursos enunciados que, em sua maioria, são chistosos e irônicos. Esse tom humorístico é um padrão recorrente nas análises e termina por contribuir para a naturalização do preconceito linguístico.

Foi possível observar que o preconceito linguístico sempre vem associado a outros valores ou outros preconceitos. A correlação entre o desempenho linguístico de uma pessoa e o desempenho intelectual é reforçada em todas as publicações analisadas. O Discurso do purismo linguístico é bastante difundido a partir do momento que trata o erro alheio com um tom humorístico, o que termina por naturalizar o preconceito linguístico. A relação identificada nas análises foram mais em relação a valores sociais. A associação mais recorrente deu-se especialmente pela necessidade de separação daqueles que sabem escrever e dominavam a língua tida como culta, daqueles que não dominam. O Discurso percebido foi de que se uma pessoa não sabe falar/escrever conforme a norma, ela não será capaz de ocupar uma posição social confortável. Ao contrário, ficará à margem da sociedade, pois a relação entre analfabetismo e baixo nível econômico e social é recorrente. O domínio da variação de prestígio parece servir como validação para que uns usuários minimizem outros com base no preconceito linguístico.

Foi notório como o comportamento social foi direcionado pela moderação da página na maioria das postagens. Os sentidos foram gerados a partir das interações entre os usuários, onde, nos diferentes diálogos surgidos através dos comentários, foi possível observar elementos que deram pistas sobre a filiação Discursiva e ideológica dos usuários. Sendo assim, é possível classificar a página e seus moderadores como agentes influenciadores e difusores do Discurso de preconceito linguístico.

Através deste estudo, foi possível perceber a importância de observar esse tipo de fenômeno, uma vez que ele não está amarrado somente ao contexto online. O Facebook é

espaço social onde os Discursos são articulados e, graças à natureza dessa rede, é possível mapeá-los. Compreender esses Discursos no âmbito do Facebook torna-se relevante pois, conforme ocorre uma articulação, eles vão se reforçando na rede e para além dela. O fato de o preconceito linguístico ser naturalizado e velado em nossa sociedade facilita a propagação do Discurso acerca do mesmo. Não se pretendeu aqui determinar ou categorizar o preconceito linguístico, mas sim criar uma base e um incentivo para que novos questionamentos acerca dos fenômenos e apropriação da linguagem sejam investigados mais a fundo.

7. BIBLIOGRAFIA

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. Edições Loyola, 2000.

_____. Do galego ao brasileiro, passando pelo português: crioulização e ideologias linguísticas. **O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola, 2013.

BARROS, Jussara De. **O Internetês e a Ortografia**. Brasil Escola. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/educacao/o-internetes-ortografia.htm>>. Acesso em 24 de novembro de 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOURDIEU, Pierre (1989). **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

BOYD, D. M., & ELLISON, N. B. **Social network sites: Definition, history, and scholarship**. Journal of Computer-Mediated Communication, 13(1), article 11. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>>, 2007.

COLEMAN, James S. Social capital in the creation of human capital. **American journal of sociology**, p. S95-S120, 1988.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987. Edição original: 1984.

ELLISON, N. B., STEINFELD, C., & Lampe, C. (2007). **The benefits of Facebook “friends:” Social capital and college students’ use of online social network sites**. Journal of ComputerMediated Communication, 12(4), article 1. <http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue4/ellison.html>

GEE, James P. **Social Linguistics and Literacies: Ideology in Discourses**. Bristol, PA: The Palmer Press, 1990. Disponível em: [<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.476.9477&rep=rep1&type=pdf>] (Acesso em 13/11/2015)

_____. **Discourse, small-d, Big D** in Journal of Narrative and Life History. Arizona State University, 1991. Disponível em: [<http://jamespaulgee.com/admin/Images/pdfs/Big%20D,%20Small%20d.pdf>] (Acesso em 13/11/2015)

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização. **Rio de Janeiro: Bertrand Brasil**, v.2, 2004.

HERRING, Susan C. **Computer Mediated Discourse Analysis: An Approach to Studying Virtual Communities** in Barab, S. A., Kling, R., & Gray, J. H. (Eds.). (in press). *Designing for Virtual Communities in the Service of Learning*. New York: Cambridge University Press, 2004.

_____. **Discourse in Web 2.0: Familiar, reconfigured, and emergent**. In D. Tannen & A. M. Tester (Eds.), *Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics 2011: Discourse 2.0: Language and new media* (pp. 1-25). Washington, DC: Georgetown University Press. Prepublication version: <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/GURT.2011.prepub.pdf>, 2012.

HILGERT, José G. **A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na internet**. In: PRETI, Dino (org.). *Fala e escrita em questão*. 6. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006, p. 17-55. (Vol. 4 da coleção Projetos paralelos – NURC/SP – Núcleo USP). Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Publicacoes/gastotexto01.pdf>

JOHNSON, Telma. **Pesquisa social mediada por computador: questões, metodologia e técnicas qualitativas**. Editora E-papers, 2010.

KOMESU, Fabiana. **Internetês para Interneteiros** in *Revista Estudos Linguísticos XXXVI* (3). UNESP, 2007. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/86.PDF>>

_____; TENANI, Luciani. **Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem**. *Linguagem em (Dis) curso*, v. 9, n. 3, p. 621-643, 2010.

KROSKRITY, Paul V. (Ed.). **Regimes of language: Ideologies, politics, and identities**. James Currey Publishers, 2000.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos** (tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Scherre e Caroline R. Cardoso). Parábola Editorial: São Paulo, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Editora 34: São Paulo, 2010.

LOPES, Luiz P. Moita **Ideologia Linguística: Como Contruir Discursivamente o Português no Século XXI** in LOPES, Luiz P. M. (Organizador) **Português no Século XXI: cenário político e sociolinguístico**.(18-52) São Paulo, SP: Parábola, 2013.

MILGRAM, Stanley. The Small-World Problem. **Psychology Today**, v. 1, n. 1, 1967.

NUNES, Gizele P. **Aquisição da linguagem escrita e os erros ortográficos**. VI Congresso Internacional da ABRALIN. João Pessoa, PA. 2009. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Gizele%20da%20Paz%20NUNES%20-%20ok.pdf>

PHILIPS, Susan U. **Language and social inequality. A companion to linguistic anthropology**, p. 474-495, 2004.

REBS, R. **Os haters e o discurso de ódio: Construindo Sentidos e Identidade nos Sites de Redes Sociais**. 2015.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 2010.

_____. **Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook**. In: Verso e Reverso Revista de Comunicação. V. 28 N. 68. São Leopoldo, RS: Unissinos, 2014

RISTOF, Dilvo I. **Social Linguistics and Literacies: Ideology in Discourses**. In *Ilha do Desterro: Journal of Language and Literature in English Cultural Studies*. Ed. 29. UFSC, 1993. Disponível em: [<https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/8733/8053>] (Acesso em 13/11/2015)

RONSON, J. (2015) **“Humilhado: como a era da Internet mudou o julgamento público”** – Rio de Janeiro: Best Seller, 2015. (Coleção Cibercultura)

SALIÉS, Tânia G. & Tania G. Shepherd (Organizadoras). **Linguística da Internet**. São Paulo, RS: Contexto, 2013.

SCHINESTOCK, Leticia Ribeiro " **Se a carapuça serviu...**" estudo de caso sobre a cultura das indiretas e a violência simbólica no Facebook. 2015.

SOARES, Pricilla Farina et al. **O discurso da violência sistêmico-simbólica e sua replicação nos memes de humor da fanpage Diva Depressão**. 2013.

WILBUR, Shawn P. An archaeology of cyberspaces: Virtuality, community, identity. **The cybercultures reader**, p. 45-55, 2000.

ŽIŽEK, Slavoj. **Sobre la violencia: seis reflexiones marginales**. Grupo Planeta (GBS), 2009.